



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

DANIEL LIMA SIQUEIRA

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR COMO PROTEÇÃO À TOPOFOBIA E AO VANDALISMO: ESTUDO DE CASO NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO DA ASA NORTE-CEAN.

BRASÍLIA – Distrito Federal

Junho - 2019



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

DANIEL LIMA SIQUEIRA

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR COMO PROTEÇÃO À TOPOFOBIA E AO VANDALISMO: ESTUDO DE CASO NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO DA ASA NORTE-CEAN.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade de Brasília- UNB como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho

BRASÍLIA – Distrito Federal

Junho – 2019



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

DANIEL LIMA SIQUEIRA

TOPOFILIA, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO. A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR COMO PROTEÇÃO À TOPOFOBIA E AO VANDALISMO: ESTUDO DE CASO NO CENTRO DE ENSINO MÉDIO DA ASA NORTE-CEAN.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade de Brasília- UNB como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho

Orientador/UNB

Profa. Dra. Shadia Hussein de Araújo

Docente/UNB

Profa.Dra. Elisângela Aparecida Machado Silva

Docente/UNB

BRASÍLIA – Distrito Federal

Junho – 2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Minha Mãe e ao meu Pai, que sem eles eu não estaria aqui neste mundo. Aos meus irmãos, sobrinhos e demais agregados por fazerem parte de minha vida, alegrando e me nutrindo de motivação para minha ascensão profissional e pessoal.

O apoio incondicional de minha companheira Sther, que esteve ao meu lado em todo o processo de construção deste trabalho me motivando, ouvindo e contribuindo para saísse da melhor forma possível. Aos meus filhos do coração, Miguel e Samuel, que os amo do fundo do meu coração, me motivam nem mesmo sabendo ao certo a importância da conclusão de minha graduação. Dedico à eles também.

Dedico às instituições que me proporcionaram oportunidades de ação profissional e apoio. À Faculdade Anhanguera de Taguatinga sul, que no meu estágio de menor aprendiz, muito pude aprender com os colegas e com muito carinho, me liberou de minhas funções para que pudesse assumir minha vaga na universidade de Brasília. À Rede Alub, mais precisamente ao Alub pré-vestibular, que em cinco anos de casa, muito contribuiu na minha formação acadêmica e docente me possibilitando lecionar geografia desde o início de minha graduação.

Também faço a dedicatória para todos que passaram por minha vida. Meus amigos mais próximos, Bruno e Caio, que estão marcados em minha vida por serem meus irmãos de escolha. Nossas vivências no decorrer de nossas vidas têm papel importante na pessoa que me tornei.

Por último, dedico a todas as pessoas que passam por dificuldades de encontrar perspectivas para o futuro por motivos de falta de dinheiro, estrutura familiar, oportunidade de acesso ao conhecimento e tantos outros fatores que atrapalham e desvirtuam do caminho virtuoso da vida. Sou fruto da esperança, mais um filho de pobre nordestino que conseguiu ingressar numa universidade pública e está prestes a ter um diploma.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter a oportunidade de estar neste planeta vivendo e fazendo parte deste processo. Agradeço aos meus pais, por me colocarem no mundo e darem amor, estrutura e paciência. Aos meus irmãos, sobrinhos e agregados.

Agradeço a minha companheira Sther e aos meus filhos de coração, Miguel e Samuel, por me darem amor, parceria, confiança e firmeza.

Meus irmãos de vida, Caio e Bruno. Agradeço pelo amor e a amizade construída ao longo de nossas vidas.

Aos meus amigos que passaram por todo o processo da graduação. Meus companheiros de minha antiga banda, Hakucados: Beto Ovelar, David Cezário, Willian Silveira, George Augusto e Jonhy Santos.

A Cia.Ensaio- Dança e Teatro, que além de me mostrar caminhos mágicos na arte de atuar, me proporcionou o encontro da minha vida, onde me apaixonei por Sther. Minha gratidão é eterna. Obrigado Vitor Avelar por sua direção e ensinamentos na dança e Rafa Soul por sua direção e ensinamentos de atuação.

Ao Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho, que aceitou me orientar de pronto. Tenho certeza que irei levar boas recordações de nossos encontros e aulas

Ao corpo docente do Departamento de Geografia da UNB, que contribuíram para minha formação e na mudança de minha compreensão da realidade.

Agradeço ao Centro de Ensino Médio da Asa Norte- CEAN, por me receber de forma fraterna. Direção, coordenação, corpo docente e discente que me acolheram como um filho que a casa retorna. Não me imagina quando estudei na escola entre os anos de 2007 e 2009 que iria retornar como estagiário docente e faria meu estudo de caso para a monografia. Eterna gratidão.

Por fim, agradeço aos meus alunos e companheiros de trabalho do Alub pré-vestibular, que dia após dia, ano após ano, contribuem para minha elevação moral, profissional e pessoal. Todos fazem parte da inspiração e essência deste trabalho.

RESUMO

Como prevenir a depredação do espaço escolar? O desinteresse do aluno em ir à escola está ligado ao sentimento de pertencimento? A construção da autonomia e identidade do aluno esta ligada com a relação do corpo escolar com a produção do ambiente físico da escola? Este trabalho busca a ligação entre pertencimento, identidade e topofilia. As relações de dicotomia da sociedade na construção do espaço se reproduzem na escola. Os agentes de poder tanto na sociedade como na escola constroem, numa tentativa de ordenamento, o espaço a partir de seus interesses e em muitas vezes sem a participação da população e do aluno, no caso da escola. O espaço escolar, reproduz as dinâmicas da sociedade como depredação, vandalismo e topofobia. No Distrito Federal as escola, com suas características heterogêneas possuem diversos modos de construção do espaço escolar. Com conceitos da geografia humanística: paisagem e lugar, topofilia e topofobia, no estudo de caso no Centro de Ensino Médio da Asa Norte-CEAN, foi averiguado na análise temporal da escola em comparação do antes e depois do ano de 2013, a partir de fotos do acervo da escola junto à observações empíricas uma mudança na qualidade do espaço físico da escola e na diminuição considerável das manifestações de depredação e topofobia no espaço escolar. As entrevistas semiestruturadas com os alunos mostraram que o pertencimento ao CEAN é realidade. As relações de construção do espaço entre todos os agentes escolares, com o foco nos alunos, trouxeram uma dinâmica de proteção ao vandalismo e à topofobia, junto com o cuidado e pertencimento ao ambiente escolar.

Palavras-chave: Topofilia, Espaço escolar, Identidade, Depredação, Pertencimento.

SUMÁRIO.

Introdução.....	8
1. Aproximação conceitual e teórica do tema.....	12
1.1. O espaço homogêneo e a heterogeneidade do espaço geográfico.....	13
1.2. Homogeneidade espacial e rodoviarismo no Distrito Federal.....	15
1.3. Paisagem, lugar e seus significados.....	19
1.4. Lugar, percepção e impressão (Vandalismo).....	20
1.5. Heterogeneidade na percepção do espaço.....	25
2. Espaço Geográfico e topofilia.....	28
2.1. Topofilia e ambiente escolar.....	31
2.2. Construção do espaço escolar, topofilia e sentimento de pertencimento na construção da identidade do aluno.....	35
3. Topofilia, pertencimento e cuidado, na prática.....	39
3.1. Centro de Ensino Médio da Asa Norte- CEAN.....	40
3.2. Estrutura física da escola.....	42
3.3. O processo de revitalização física.....	49
3.4. Construção de uma identidade, disciplina, pertencimento e respeito. Topofilia como prevenção da topofobia.....	61
Referências.....	68

INTRODUÇÃO.

Por que as escolas passam por tantos processos de depredação e vandalismo? Será que a construção do espaço está ligada na relação do aluno com o meio ambiente escolar? A construção do espaço está ligada a construção da identidade do aluno?

O ordenamento da sociedade se dá através das estruturas de poder. Onde os agentes de poder imprimem conforme seus interesses as suas construções das paisagens, modelamento urbano e o modo como às pessoas se transportam de um lugar para o outro. Os centros urbanos, com as melhores ofertas de comércio, e habitação ficam reservados a poucos e as demais áreas ficam nas periferias a mercê das medidas políticas e de seus interesses.

Na apresentação do livro de Milton Santos, "Por uma outra Globalização", Maria da conceição Tavares resume como o autor elucida a perversidade da construção do espaço pelos atores de poder desta nova etapa da globalização que se imprimi nos dias atuais:

Os atores mais poderosos desta nova etapa da globalização reservam-se os melhores pedaços do Território Global e deixam restos para os outros. Mas a grande perversidade na produção da globalização atual não reside apenas na polarização da riqueza e da pobreza, na segmentação dos mercados e das populações submetidas, nem mesmo na destruição da Natureza. A novidade aterradora reside na tentativa empírica e simbólica de construção de um único espaço unipolar de dominação. (SANTOS, 2006, p. 2)

Este único espaço unipolar de dominação que Santos (2006) diz, pode nos levar a considerar que a tentativa de unificar o espaço a partir de uma planificação foi também usada na construção de Brasília e de seus centros urbanos. O Distrito Federal têm sua dinâmica econômica, estrutural e técnica centralizada no plano piloto. As cidades que estão em sua periferia sofrem a perversidade da globalização, visto que elas não possuem as mesmas condições de habitação e comercio do centro da capital.

Algumas cidades do Distrito Federal sofrem com esta tentativa de dominação pelos atores de poder. A cidade de Ceilândia, como Centro de Erradicação de Invasões, foi uma cidade onde a migração forçada de pessoas de diversas regiões do DF deixou uma marca na construção do espaço. Ceilândia foi marcada por um passado violento e conturbado. No decorrer do tempo teve sua identidade coletiva construída e com isso, a tentativa de planificação que, outrora, era para ser uma área habitada por pessoas que antes moravam em invasões, hoje já passou por um processo de urbanização acelerado com rede de transporte abundante, comércio próprio e habitação de qualidade para seus habitantes.

Luiz Alberto de Campos Gouvêa (1995), trata da tentativa de erradicar as invasões como uma tentativa do governo brasileiro nos anos de 1970 de criar setores de habitação inferior ao do centro da capital federal:

Todavia, apesar de o governo reconhecer as qualidades urbanísticas e comunitárias da Vila, justificou sua remoção baseado em laudos “técnicos” que atribuíam à invasão a contaminação dos córregos próximos e a conseqüentemente eliminação da Vila também estava respaldada nas recomendações do Plano diretor de Brasília, elaborado pelo arquiteto Lúcio Costa , que afirmava: *“Deve-se impedir a enquistação de favelas tanto na periferia urbana, quanto na rural. Cabe à companhia Urbanizadora da Nova Capital, promover, dentro do esquema proposto, acomodações decentes e econômicas para a totalidade da população”*. (GOUVÊA, 1995 p.68)

A simbologia está em todas as partes. A construção dos símbolos nos centros da capital esta imprimida nas estátuas e museus. Os símbolos da população nas cidades estão por todas as partes com pinturas e ou ações que incluem a comunidade para a construção do espaço.

Depredações e vandalismo estão por todas as partes como parte da expressão da população. O modo como às pessoas se identificam com sua região, pode se levar em consideração a relação de topofilia e topofobia com o que está impresso no espaço físico da cidade. Tuan define a palavra topofilia:

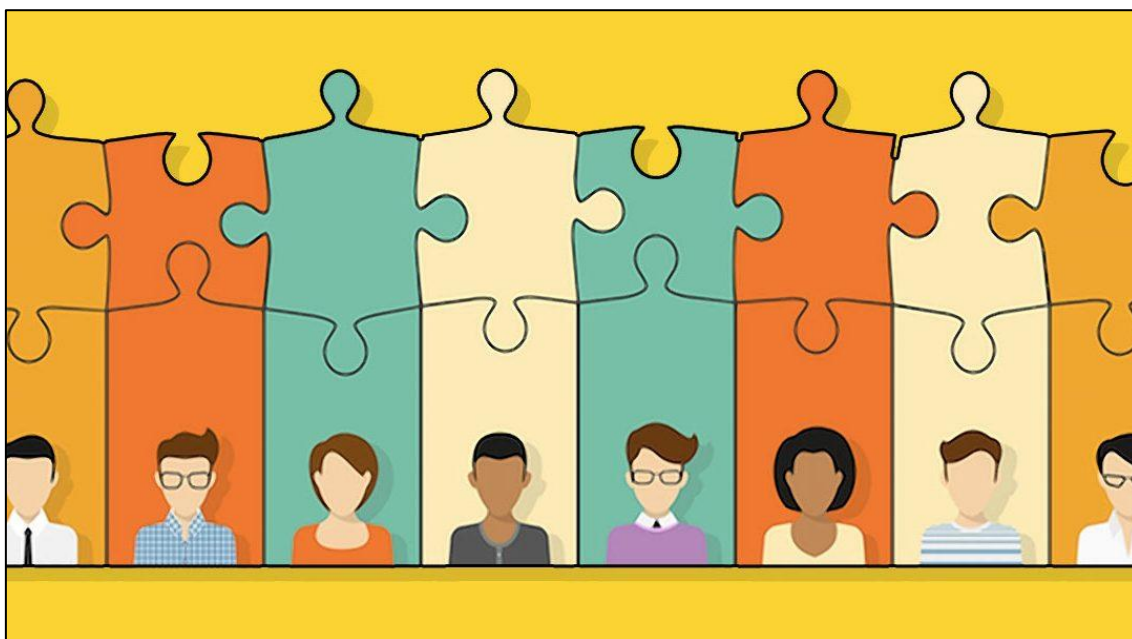
A palavra "topofilia" é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. (TUAN, 1974, p. 107)

A sociedade é reproduzida nos espaços escolares. Nas escolas os relatos de depredação, pichações e vandalismo são constantes. No Distrito Federal, as escolas com menos acesso aos grandes centros e mais longínquas do plano piloto passam por esse processo de forma mais profunda. A dificuldade de construir uma dinâmica de cuidado com o ambiente escolar está ligada à situação externa da escola, como a violência, drogas e demais fatores.

Como estudo de caso, fui ao Centro de Ensino da Asa Norte-CEAN para pesquisar e averiguar como a escola passou pelo processo de transformação no espaço físico e como isso atuou na dinâmica da realidade da escola. A relação do aluno com a escola, na formação do sentimento de pertencimento e construção de uma identidade coletiva que respeita a diversidade, a liberdade de expressão e o ambiente escolar.

Os conceitos da geografia humanista, topofilia e topofobia, foram essenciais para a compreensão dos estudos comparativos e qualitativos da escola durante os trabalhos iniciados em 2013 para a “escola que temos e a escola que queremos” que

em 2019 atingiu um patamar estrutural elevado, se comparado às escolas públicas do país e até algumas escolas privadas.



Fonte: <https://culturaegestao.com.br/blog/cultura/pertencimento-empreadedores-internos>.
Acessado em 30 de Maio de 2019 às 1730 horas.

Capítulo 1. Aproximação conceitual e teórica do tema.

As dicotomias dos sistemas de construção do espaço geográfico durante a história dão uma ideia de que a simbologia ligada aos que têm mais poder, seja político ou econômico, é manifestada na tentativa de planificação e ordenamento da paisagem.

O espaço homogêneo pode também produzir uma fragmentação que o torna heterogêneo. A tentativa de homogeneização por vezes gera uma sensação de topofobia e por consequência podem surgir atos de vandalismo no espaço público.

Por topofobia entende-se o sentimento contrário ao de topofilia. O sentimento de não pertencimento àquele lugar, tendo como referência a conceituação de Tuan:

Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal. (TUAN, 1974, p. 5)

Neste primeiro capítulo será abordado como a construção do espaço geográfico pelos agentes de poder se manifesta na população em geral e suas consequências. Indo pela linha da Geografia Humanista, será abordado como o sentimento de pertencimento e não pertencimento de um grupo gera ações no meio urbano.

Os agentes de poder são definidos pelas representações do Estado e do Capital que por muitas vezes prestam o serviço de mandantes e construtores dos espaços coletivos com ou sem consulta à população. Milton Santos comenta:

Para exercer a competitividade em estado puro e obter o dinheiro em estado puro, o poder (a potência) deve ser também exercido em estado puro. O uso da força acaba se tornando uma necessidade. Não há outra finalidade que o próprio uso da força, já que ela é indispensável para competir e fazer mais dinheiro; isso vem acompanhado pela desnecessidade de responsabilidade perante o outro, a coletividade próxima e a humanidade em geral. (SANTOS, 2000, p.29)

Na vertente humanista, a percepção do espaço junto às relações das pessoas com a natureza, leva a uma melhor compreensão e aproveitamento do estudo. O modo como se idealiza e se sente o espaço são parte fundamental para a análise deste trabalho.

Como geografia humanista, define-se:

A Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. (TUAN, 1982).

O objetivo deste trabalho e como será aplicada a corrente humanista fica bem explicitado nesta citação:

Para Mello (1990) a Geografia Humanística tem a experiência vivida como fundamento e o seu objetivo é o de interpretar o sentimento e o entendimento dos seres humanos a respeito do espaço e do lugar. Em relação ao geógrafo ele assinala que “o geógrafo humanístico tem como tarefa interpretar a ambivalência e a ambiguidade e complexidade da consciência dos indivíduos e/ou grupos sociais a respeito do meio ambiente”. (OLANDA, D.A.M. & ALMEIDA, M.G. 2008, p. 16)

1.1. O espaço homogêneo e a heterogeneidade do espaço geográfico

Sistemas dicotomizados pela ordem e desordem, caos e disciplina, espaços homogêneo e heterogêneo são discutidos e debatidos durante séculos por diversos filósofos de partes diferentes do planeta. Nesse trabalho, será apresentado neste primeiro capítulo conceitos que liguem tais dicotomias ao vandalismo no espaço geográfico e de modo geral, a sociedade.

As ideias de ordem e desordem estão intrinsicamente ligadas. A tentativa de ordenar não exclui por total a desordem e a desordem total é um tipo de ordenamento. Romay Conde Garcia(2018, p, 21) contribui:

Marcel Conche afirma que “a ordem não passa de um caso particular da desordem”, pois acredita numa “desordem criadora” que recusa a ordem estabelecida e a transforma. Nesta ótica, a desordem predomina e a ordem seria apenas uma pequena parcela inteligível. Comte Sponville arrisca a decifrar a esfinge e afirma que a “ordem é uma desordem fácil de memorizar” e a desordem, “uma ordem que nos decepciona”. (CONCHE, 2000; COMTESPONVILLE, 2003).

A produção do espaço material e imaterial é forjada por agentes de poder que imperam domínio sobre esse espaço, de vez que políticos, chefes de Estado e empresários produzem, a sua vontade, as representações simbólicas que caracterizam o seu poder naquele lugar.

A planificação do espaço nos dá uma noção da tentativa de ordenamento da sociedade que o poder Estatal quer impor e controlar com o emprego de capitais e estruturas, passando por uma urbanização planejada e ordenada, que obedeça apenas a maximização dos lucros, como aponta Lefebvre (2013, p. 124):

Notadamente, o eixo “espontâneo” indo do Mediterrâneo aos mares do Norte, pelos vales do Ródano, do Saône, do Sena, já propunha alguns problemas. Projetava-se a construção de “metrópoles de equilíbrio” em torno de Paris e em algumas regiões. A delegação para a regulamentação do território e das regiões, organização poderosa e centralizada, não carecia nem de meios, nem de ambições: *produzir* um espaço nacional harmonioso – colocar um pouco de ordem na urbanização “selvagem”, só obedecendo à perseguição dos lucros.

O ordenamento do espaço, por sua vez, não obedece ao ordenamento real da sociedade. Tal premissa, tendo como objetivo a imposição de um controle linear e planejado, muda à percepção do espaço como natureza e o transforma em produto, não se distinguindo em níveis ou planos ordenados:

Ora, o espaço entra nas forças produtivas, na divisão do trabalho; ele tem relações com a propriedade, isso é claro. Com as trocas, com as instituições, a cultura, o saber. Ele se vende e se compra; ele tem valor de troca e valor de uso. Portanto, ele não se situa em tal ou tal dos “níveis”, dos “planos”, classicamente distinguidos e hierarquizados. Lefebvre (2013, p. 126)

O espaço é parte integrante das esferas mental, cultural, social e histórica. A construção é feita a partir, primeiramente, de uma descoberta desse espaço novo que passará por uma produção espacial própria no contexto histórico e cultural de cada sociedade, criando paisagens, monumentos, cenários e significados. Ao mesmo tempo em que esses elementos vão sendo construídos de forma separada, eles são simultâneos e ligados.

Lefebvre (2013, p. 126) afirma que “tudo isso evolutivamente, geneticamente (com uma gênese), mas segundo uma lógica: a forma geral da *simultaneidade*; pois todo dispositivo espacial repousa sobre a justaposição na inteligência, e sobre a ensamblagem material de elementos com os quais se *produz* a simultaneidade”.

1.2. Homogeneidade espacial e planificação do espaço no Distrito Federal.

A homogeneidade fragmentada e hierarquizada atingiu uma generalização com efeitos econômicos e sociais, cidades são construídas de forma ordenada e fragmentada, como a exemplo da capital federal, Brasília, que na década de 1960 foi inaugurada com seu plano urbanístico setorizado e dividida.

Essa divisão paisagística criada a partir de um plano feito pelo Estado considerou-se mais a “beleza plástica” da cidade, que é linda vista de cima, do que a praticidade orgânica integrada pelos sistemas de transporte, visto que as rodovias tomam conta da maioria da cidade, os carros precisam de estacionamento e o pedestre fica alheio a essa situação, tendo uma prioridade menor em planos de melhorias da cidade.

Ancorado em seu tempo, o seu plano piloto deu e ainda dá, uma vez que suas diretrizes estão tombadas, uma ênfase excessiva às questões de circulação automotiva, é “rodoviarista” de mais. E, infelizmente, alterações no sentido de abrandar o efeito desse rodoviarismo excessivo são inexpressivas. (Fischer. 2011)

Brasília é um exemplo da lógica espacial ordenada, que se contrasta com as demais cidades do entorno goiano e mineiro e até mesmo de algumas regiões administrativas internas ao Distrito Federal, que não usufruem dos mesmos preceitos e concepções de ordem e ordenamento existente na capital.

O Plano Piloto de Brasília, ordenado por suas rodovias e seu plano paisagístico, divide-se e se organiza numa dinâmica com um centro político, que também concentra os setores de diversão, e entre elas há duas asas, a norte e a sul. A imagem do Plano Piloto lembra a carenagem de um avião, como podemos notar na seguinte imagem:

Figura 01: Brasília – Plano Piloto: plano e ordenamento urbanístico da capital federal.

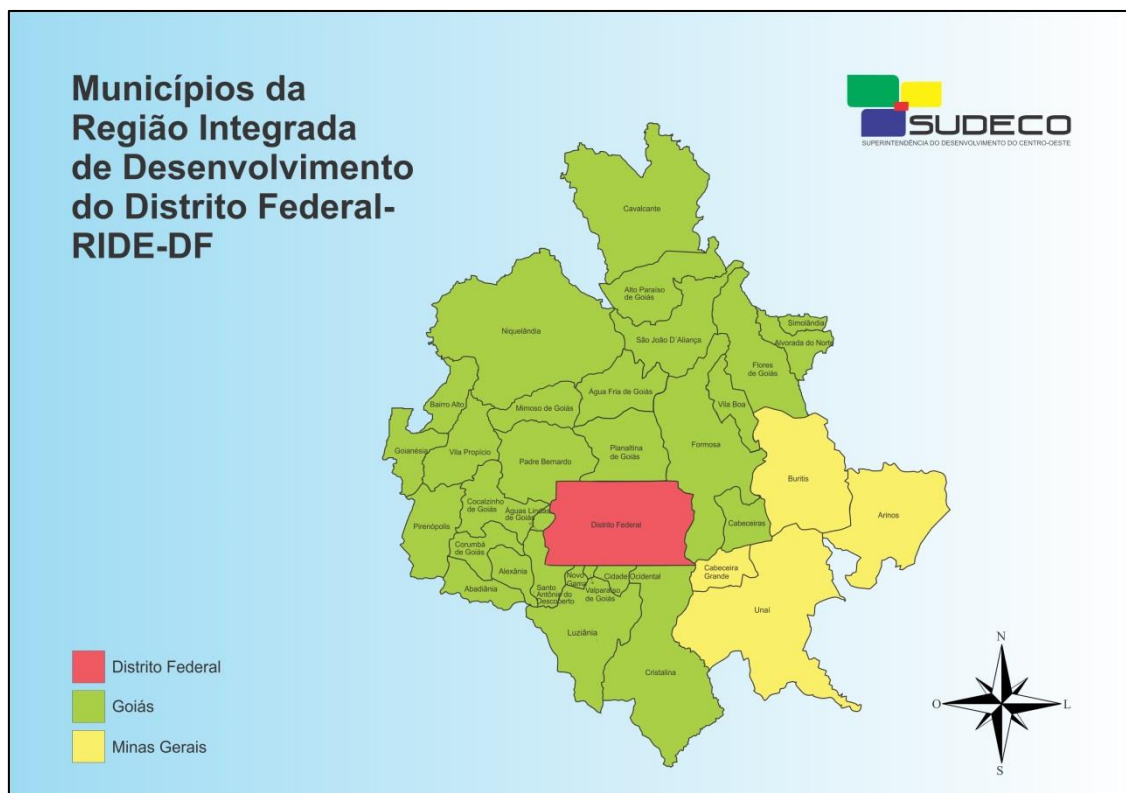


Fonte: Google Earth. 12 de Junho 2019 às 16h02min.

A RIDE (Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal), como proposta de Região Metropolitana do Distrito Federal caracteriza a tentativa de ordenamento dos processos urbanos centralizados na capital Brasília, que teve um crescimento fora do planejado e hoje tem influência em cidades dos estados de Goiás e Minas Gerais. Essas cidades se integram a dinâmica do Distrito Federal direta e/ou indiretamente.

Essa integração mostra o tamanho da força econômica que o centro da capital possui. Fazendo com que os trabalhadores saiam de regiões longínquas para irem estudar ou trabalhar em Brasília. O tamanho na RIDE e a totalidade de cidades que ela abrange pode nos dar tal noção:

Figura -2: Entorno do Distrito Federal.



Fonte: <http://www.sudeco.gov.br/municipios-ride-df>. Acessado em 12 de Maio de 2019 às 16h32min.

Isso acaba gerando desigualdade, segregação socioespacial e uma procura maior pelos recursos do centro urbano da cidade, que acumula recursos, hospitais, postos de trabalho e lazer, trazendo uma migração pendular das pessoas que moram no entorno e voltam pra casa ao final do dia.

A cidade de Ceilândia é um exemplo de como a segregação espacial foi atuante na construção da capital. Criada na década de 1970 teve um intenso processo de exclusão por interesses econômicos. A distância da cidade para o centro da capital, é um fato de dificuldade para os habitantes da região, pelo alto custo do transporte. Mais sobre essa dinâmica:

Problemas de ordens infraestrutural e ambiental influenciaram a vida da população de Ceilândia. Além desses aspectos, a distância do Plano Piloto foi determinante quanto à redução de renda, uma vez que os elevados custos de transporte impediam que os trabalhadores exercessem suas funções. (ALVES, DINIZ, MESQUITA E RIBEIRO, 2018, P.83.)

Essa dificuldade gera uma fragilidade nas relações de trabalho, provocando desemprego e ociosidade, tendo um conseqüente aumento de alcoolismo, tráfico e crimes na cidade:

“A construção injusta do espaço e o isolamento a que os habitantes de Ceilândia foram submetidos reduziu drasticamente as oportunidades de emprego, o que acarretou em elevados índices de violência, alcoolismo, prostituição e tráfico de drogas, fazendo com que em pouco tempo se tornasse a cidade com maior índice de criminalidade do DF (PAVIANNI, 1997; OLIVEIRA, 2007).” (ALVES, DINIZ, MESQUITA E RIBEIRO, 2018, P.83.)

Pessoas que moram em cidades diferentes do Distrito Federal possuem formações, experiências, compreensões, ideologias, visões e ações singulares a cada região, tendo como conseqüência uma mentalidade heterogênea que não leva em conta a homogeneização espacial da capital, isso já levando em conta que as pessoas que habitam o Distrito Federal vêm de descendência de todas as regiões do Brasil, tornando essa diversidade mais evidente ainda.

O espaço homogêneo se fragmenta, produzindo periferias que se transformam em guetos isolados, com realidades conflituosas e más ligadas à do centro:

Ideologias se intercalam, ilusões se interpõem. Pois paradoxalmente (ainda) esse espaço homogêneo se fragmenta: lotes, parcelas. Em migalhas! O que produz guetos, isolados, grupos de lotes unifamiliares e pseudoconjuntos mal ligados aos arredores e aos centros. Com uma hierarquização estrita: espaços residenciais, espaços comerciais, espaços de lazer, espaços para os marginais etc. Reina uma curiosa lógica desse espaço, que se atribui ilusoriamente à informatização. E que oculta, sob sua homogeneidade, as relações “reais” e os conflitos. (LEFEBVRE, 2013, p. 126)

Os conflitos “reais” que nos é apresentado por Lefebvre (2013), estão nas relações de caos e disciplina que assolam a sociedade ao longo da história. A disciplina por muitas vezes é imposta e o caos a destrói, colocando um novo grupo no poder e sendo assim, esse mesmo irá impor agora, sua própria ordem e disciplina, seja ela econômica, cultural, arquitetônica, etc.

Nossa construção de uma percepção espacial se dá pela interpretação do espaço e lugar. Com isso abordaremos, a motivo de esclarecer e elucidar este trabalho, os conceitos de paisagem e lugar, respectivamente.

1.3. Paisagem, lugar e seus significados.

Paisagem é um conceito fundamental para o saber geográfico, exerce um papel de destaque para a geografia clássica, segundo Besse (2006, p.76)

A Geografia clássica [...] mantém uma relação de proximidade real e mesmo de intimidade com a paisagem [...] Do ponto de vista de uma metafísica da geografia, o sair para a paisagem, e o encontro, de início visual, com a paisagem, constituem como que a garantia de autenticidade e de verdade do saber geográfico.

Tendo como referência a geógrafa Mayra Temponi de Souza que diz “a paisagem tem uma dimensão simbólica que vai além da nossa visão. O contato direto com a paisagem auxilia os geógrafos a ‘compensar as insuficiências de uma representação unicamente cartográfica dos territórios’ (BESSE, 2006, p. 76). A paisagem humana é repleta de significados, quando compreendemos isso deixamos de ‘reduzi-la a uma impressão impessoal de forças demográficas e econômicas’ (COSGROVE, 1998, P 222) e ‘passamos a tratá-la como uma expressão humana intencional composta de muitas camadas de significados’ (COSGROVE, 1998, p 222). “

Muito além de uma concepção de paisagem descritiva, a Geografia Humanista com a fenomenologia busca compreender, perceber, sentir e se exprimir:

Meios e paisagens são formados desses objetos que todo mundo pode ver que alguns estudam, e que todos utilizam de diversas maneiras: as árvores e as terras, as rochas e as colinas. Pensar os meios e as paisagens é empreender a reunificação ou de colocar todas as atitudes que se pode adotar, em face destes objetos para perceber, compreender, sentir e se exprimir. (CHATELIN. 1986, 1)

O espaço geográfico é percebido e compreendido a partir da percepção de cada sujeito que age em relação ao meio. A junção dos fatores paisagísticos naturais como bosques, prédios, ruas, praças e das percepções heterogêneas desses objetos por parte dos indivíduos, levando em consideração se moram, vivem, trabalham, usam esse espaço; coloca em xeque a concepção de uma paisagem puramente descritiva e dá significado para quem o vivenciar.

A paisagem como um produto de intenções e ações humanas repletas de intencionalidades percebidas constrói o espaço e exercem influências sobre as pessoas ali. Ao transformar o espaço o homem insere sobre ele seus propósitos para a satisfação de seus interesses e o espaço passa a ser uma sobreposição de interesses sobre outros.

O local é, então, altamente complexo, com múltiplos patamares de significados. Certamente planejado para o consumidor e,

assim, facilmente acessível para meu estudo geográfico sobre o varejo; não obstante, sua geografia se estende bem além dessa perspectiva estreita e restritiva. O local é um lugar simbólico, onde muitas culturas se encontram e, talvez, entrem em conflito. (COSGROVE, 1998, p. 220)

A criação do espaço e a apropriação do lugar, para Tuan (1983) é percebida na seguinte perspectiva:

Para o novo morador, o bairro é a princípio uma confusão de imagens; “lá fora” é um espaço embaçado. Aprender a conhecer o bairro exige a identificação de locais significantes, como esquinas e referenciais arquitetônicos, dentro do espaço do bairro. Objetos e lugares são núcleos de valor. Atraem ou repelem em graus variados de nuances. Preocupar-se com eles mesmo momentaneamente é reconhecer a sua realidade e valor. (TUAN, 1983, p. 20)

Quando vamos a algum lugar variadas vezes, a percepção se adapta a cada ida. Podem-se perceber detalhes variados como uma árvore não notada a primeira vista, um estabelecimento ou qualquer outro agente modelador do espaço. Aos poucos o lugar vai se tornando conhecido às percepções sensoriais, o significado e a identificação dão valor a aquela rua, casa, sala, escola, etc.

1.4. Lugar, percepção e impressão (Vandalismo)

Valores, atitudes e crenças podem ser criados a partir da percepção do ambiente de trabalho, doméstico, de lazer onde haja interação entre a sociedade e a construção do espaço. A visão de valor do centro da cidade é diferente para quem reside nela e quem apenas trabalha.

Uma pessoa que teve boa parte da vida vivendo em uma cidade periférica, não tendo contato direto com o centro e que construiu uma relação de pertencimento a sua cidade natal, em determinada época de sua vida tem que deixar sua cidade para ir estudar ou trabalhar na cidade central (metrópole) descobre, vive e enxerga a realidade da vida metropolitana de uma forma diferente de quem nasceu e viveu por lá.

Essa diferença está em sua própria percepção enquanto pessoa que carrega os valores e costumes da cidade onde nasceu, até então, o centro era a casa dela na cidade onde morava.

Os esquimós vivem no Ártico às margens do mundo habitado. No entanto, eles não sabiam disso, até que entraram em contato com

grande número de homens brancos. Antes desse encontro, os esquimós viam o seu habitat não somente como o centro geográfico do mundo, mas também como o centro cultural e populacional. (TUAN, 1983, p. 39)

Uma relação entre a situação sociopolítica do país e as manifestações na paisagem urbana é considerável. Muros, viadutos, pontes, monumentos são pichados com frases, palavras ou desenhos em prol ou contra algum símbolo de poder, podendo ser um político, ideia ou qualquer outra representação.

Nas rodovias ou em centros urbanos há a presença de reivindicações para melhores condições de determinada classe, disputas para terem o seu nome grafado em alguma placa, nomes de gangues, palavras de ordem ou desenhos. Em diversas rodovias no distrito Federal podem se encontrar esses tipos de manifestações.

Uma que vale a pena destacar é a da rodovia que liga a região central de Brasília à Região Administrativa do Gama-DF. Com pichações e manifestações contra medidas políticas, imprime a frase “não vote, lute” e também marcada por uma sigla de um grupo, que podemos chamar também de “gangue”, “LUA”.

Figura 03: Rodovia de acesso à Região Administrativa do Gama-DF. Pichação e depredação de estruturas públicas.



Fonte: O autor, 25 de novembro de 2018.

Pichações também são encontradas no viaduto da rodovia como uma forma do grupo dizer que quem está chegando, está chegando numa área deles. Na qual eles

pertencem. Para esclarecimento e conceituação do sentido de pichação como linguagem de interação das pessoas com a cidade:

...Ela tenta mostra-las não como atividades esporádicas ou irresponsabilidade juvenil, mas como componentes de uma linguagem, de uma cultura que faz parte da forma como as pessoas se relacionam com a cidade. (COELHO, 2016)

As manifestações de expressão dentro das cidades e monumentos estão ligadas a como um indivíduo ou grupo enxergam a realidade, suas visões de mundo. “Duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente.” (TUAN, 1974, p. 7)

As sociedades se diferem no sentido de como desenvolvem suas capacidades sensitivas a partir da realidade. Sociedades acostumadas com sons automotivos, aviões e buzinas se adaptam a uma percepção de menos detalhes auditivos e de conformidade com o barulho.

Outras sociedades mais acostumadas com prédios altos e construções faraônicas adaptam ao sentido da visão, com uma percepção do progresso a partir da beleza estética que demonstra riqueza.

A cultura e valores predominantes na sociedade causam influência nas percepções, atitudes e na visão de mundo das pessoas:

Como resultado, não somente as atitudes para com o meio ambiente diferem, mas difere a capacidade real dos sentidos, de modo que uma pessoa em determinada cultura pode desenvolver um olfato aguçado para perfumes, enquanto os de outra cultura adquirem profunda visão estereoscópica . (TUAN, 1974, p. 14)

Expressões simbólicas no espaço são comuns nas cidades. Estruturas que representam poder político, como a Praça dos Três Poderes na esplanada dos ministérios, ou que representam um grupo religioso, como a Catedral Militar Rainha da Paz no eixo monumental, são símbolos colocados por agentes políticos que construíram a paisagem a partir de seu projeto de poder.

Essas representações de poder simbólico sofrem vandalismo e pichações com palavras de ordem quando a população está insatisfeita com alguma medida ou ato que venha do poder político. Palavras reivindicando algo são comuns em monumentos públicos em épocas de crise.

Um monumento importante na capital federal do Brasil é a Praça dos Três Poderes, onde abriga um memorial com trechos da história da transferência da capital do Rio de Janeiro a Brasília, tendo como seu homenageado principal o Presidente da República na época, Juscelino Kubitschek.

Figura 04: Museu da Cidade na Praça dos Três Poderes em Brasília.



Fonte: Autor, 13 de Maio de 2019.

O monumento já teve suas paredes pichadas por algumas vezes e uma delas foi no ano de 2012, quando grupos reivindicavam a reforma agrária no país, conforme a figura a seguir:

Figura 05: Pichação no Museu da Cidade na Praça dos Três Poderes em Brasília.



Fonte: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/08/slu-faz-limpeza-na-praca-dos-tres-poderes-para-festa-de-7-de-setembro.html> acessado em 27 de novembro de 2018 as 15h30min.

A representação simbólica de um monumento pode ter significado para um determinado grupo e nenhum significado para um grupo diferente. Um símbolo é:

Um símbolo é uma parte, que tem o poder de sugerir um todo: por exemplo, a cruz para a Cristandade, a coroa para a monarquia, e o círculo para a harmonia e perfeição. Um objeto também é interpretado como um símbolo quando projeta significados não muito claros, quando traz à mente uma sucessão de fenômenos que estão relacionados entre si, analógica ou metaforicamente. (TUAN, 1974, p. 26)

A tentativa da homogeneização do espaço pelos agentes de poder é então, uma causa que gera consequências antagônicas a intenção inicial de padronização e ordenamento.

Ao mesmo tempo em que a sociedade não é homogênea, a construção do espaço também não o é. Entramos no campo de como esse espaço é criado e o que é gerado a partir da percepção de quem o constrói e quem o percebe sem ter feito parte da criação.

O vandalismo pode acontecer com mais facilidade quando o grupo que não fez parte da produção do espaço não se percebe no meio como um agente integrado,

causando danos ao patrimônio público ou privado sem sentir pelo agravo ou o fazendo justamente como uma tentativa de se integrar a aquele lugar.

1.5. Heterogeneidade na percepção do espaço.

As dicotomias da construção do espaço causam formas de ordenamento socioespaciais com diferentes significados para as figuras de poder e os indivíduos que vivem o espaço.

A formação do espaço material e imaterial visa uma maximização dos lucros, não sendo condizente com a necessidade real da sociedade. A produção espacial no contexto histórico e cultural de cada sociedade cria paisagens, monumentos, cenários e significados. Esses elementos vão sendo construídos de forma separada e ao mesmo tempo são ligados e simultâneos.

A paisagem sendo uma dimensão simbólica do espaço, leva a percepção diferenciada pelos agentes sociais. Aquele que se sente representado pela simbologia e ideologia do agente de poder valoriza e cuida do espaço público. Aquele que não se sente representado e não simpatiza com os valores ideológicos do agente de poder, pode ter uma influência maior para vandalizar e depredar, como uma forma de manifestação de seu sentimento de não pertencimento a aquele lugar.

Essa discussão na sociedade é feita a partir dos agentes de poder representados pelos chefes do poder executivo, da elite econômica e de grandes corporações. Na escola, essa dinâmica também acontece.

A construção do espaço escolar integrado ao aluno pode gerar um sentimento de pertencimento e cuidado por parte dos discentes. O contrário leva ao vandalismo e a depredação. Essa construção do espaço com a participação dos alunos leva em consideração a relação entre os indivíduos escolares: alunos, professores e servidores em geral.

Pertencimento é a sensação que nos dá a percepção de que aquele lugar tem um significado com nossa identidade. Onde o indivíduo atua sobre ele e o lugar, com seu significado e características físicas, atua no indivíduo. Essa sensação gera o cuidado com o espaço e a manutenção para que ele se mantenha de uma maneira agradável e harmoniosa com quem o usufrua.

Atitudes e valores estão ligados ao sentimento de pertencimento, levando a reflexões e transformações tanto espaciais como internas na essência do ser.

Sentimentos como pertencimento e identidade podem interferir na construção dos valores e das atitudes. Para que sejam despertados, antes se faz necessário sensibilizar o coração das pessoas que convivemos no dia-a-dia, tanto na escola, no trabalho, família, amigos, enfim todos que fazem parte do nosso círculo de convivência, pois a emoção promove a transformação

das pessoas, levam à reflexões e mudanças de atitudes.
(MORICONE, 2014, p. 8)

O pertencimento a um lugar acaba levando ao sentimento de topofilia. O cuidado com o espaço passa a ser valorizado a partir da construção da identidade coletiva e individual. No âmbito escolar, é essencial para a formação de alunos autônomos e de um ambiente escolar que possibilite a melhor prática de ensino e aprendizagem com afeto e responsabilidade.

O sentimento de pertencimento, é o que permeia a nossa troca de afeto, e nos faz querer estar com o outro; ainda que o outro, não seja nosso igual, basta ter sentimentos.

 PENSADOR

Rossane Correia

Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MjE0OTY2NQ/>, acessado em 29 de Maio de 2019 as 14h50min.

Capítulo 2. Espaço Geográfico e topofilia.

Na escola as relações sociais são reflexos da sociedade em geral. O sentimento de pertencimento nos leva a cuidar e usufruir o espaço escolar com mais consciência. As relações entre pertencimento e identidade, topofilia e topofobia, são como uma alavanca para que o indivíduo desperte e aprenda a conviver em comunidade:

A capacidade de pertencimento que Sá (2005) descreve, é a capacidade do ser humano de se sentir pertencente ao meio, enraizado e, quando isso acontecer, as pessoas despertarão o seu lado mais sensível, refletirão sobre o que realmente valorizam na vida e estarão abertas a pensar em comunhão, em comunidade. (MORICONE, 2014, p. 12)

O vandalismo nas escolas esta ligado com esse sentimento. As escolas que aplicam estratégias de construção do espaço escolar junto com toda a comunidade, pais dos alunos, alunos, professores e funcionários podem refletir em seus ambientes mais acolhimento, cuidado e símbolos que ligam a vivência de todos com o carinho pela escola.

Escolas sem estratégias para a construção conjunta do espaço, tendem a não atrair um olhar de cuidado dos agentes escolares, assim sendo, passando por maiores problemas ligados à depredação do ambiente escolar.

No Brasil, as situações das escolas são bastante heterogêneas. A qualidade do ensino varia de escola pública para escola privada, onde dependendo da região as escolas públicas possuem um ensino de maior qualidade e em outra região a escola privada possui mais qualidade.

Como comparativo para dar uma noção dessa heterogeneidade, no ano de 2014, existia uma disparidade entre as notas de redação do Exame Nacional do Ensino Médio- ENEM das escolas públicas e privadas. As escolas federais, que englobam em sua maioria as escolas militares possuem as maiores notas, seguidas das escolas privadas, municipais e estaduais.

As notas de ciências humanas estão representadas pela sigla “CH”, as de ciências da natureza “CN”, linguagens e códigos por “LC” e matemática por “MT”:

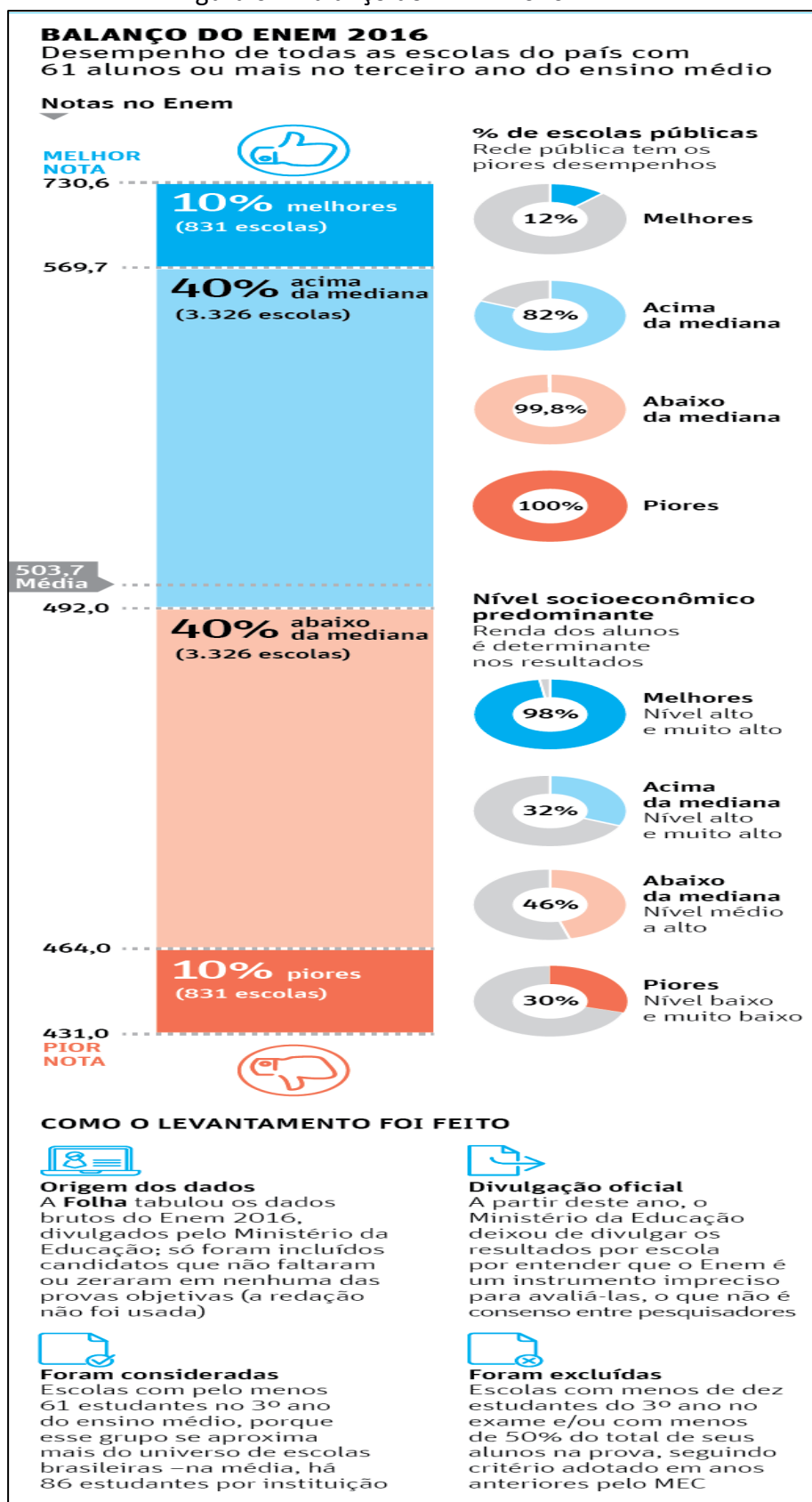
Figura 06: Desempenho dos concluintes do ensino médio 2014.

Dependência Administrativa	CH	CN	LC	MT	Redação	Média Prouni
Federal	610,2	557,5	563,2	589,6	618,7	588,8
Estadual	528,2	466,6	494,7	451,5	434,7	477,7
Municipal	542,7	479,4	506,7	472,4	458,2	494,8
Privada	583,3	531,9	544,5	544,1	570,8	556,7

Fonte: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/01/alunos-de-escolas-federais-tem-maiores-medias-nas-provas-do-enem.html> acessado em 05 de Junho de 2019 as 15h00min.

A rede de escola pública possui os piores índices nas notas do ENEM. Poucos alunos da rede ficam entre os melhores colocados na nota da redação e a maioria absoluta ocupam os piores lugares nas notas mais baixas. Para melhor exemplificar as diferenças das escolas e seus reflexos, segundo a pesquisa da Folha de S. Paulo, o balanço do ENEM 2016 ficou assim:

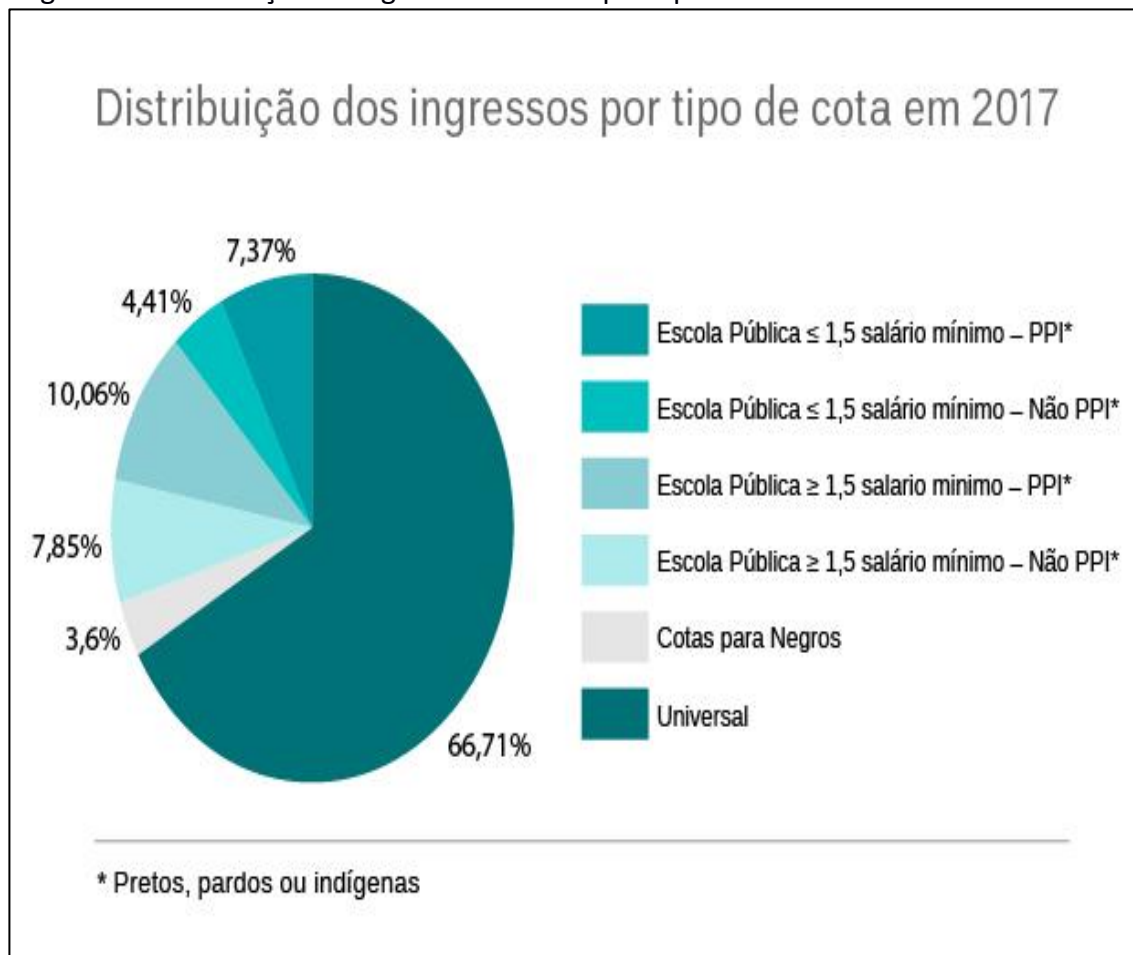
Figura 07: Balanço do ENEM 2016.



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/12/1942577-escolas-separam-melhores-alunos-e-criam-resultados-no-enem.shtml> acessado em 05 de Junho de 2019 as 16h00min.

No Distrito Federal esse contexto também se mantém. As escolas particulares são as campeãs nos números de alunos ingressos nos vestibulares para as universidades federais, em destaque a Universidade Federal de Brasília- UNB, onde a maioria concorre pelo concurso das vagas universais, sem participarem de nenhum tipo de cota.

Figura 08. Distribuição de ingressos nas UNB por tipo de cota em 2017.



Fonte: <https://noticias.unb.br/67-ensino/2073-universidade-mais-democratica-e-inclusiva>, acessado em Maio de 2019 às 16h40min.

As escolas públicas no Distrito Federal também são heterogêneas. Com características que variam de acordo com Região Administrativa que estão localizadas. Analisaremos essa questão neste capítulo.

2.1. Topofilia e ambiente escolar.

O ambiente escolar é um reflexo da sociedade. Os alunos, professores e funcionários reproduzem as dicotomias e complexidades do sistema socioeconômico vigente. O corpo escolar produz e reproduz suas relações com o meio, construindo e estruturando o espaço.

O elo afetivo com o lugar ou ambiente físico escolar reflete a construção do espaço, onde os agentes ativos imprimem suas percepções nos objetos, salas e nos demais lugares onde se permite fazer. A simbologia dos escritos, desenhos ou manifestações constroem um sentimento de pertencimento com o ambiente. Gerando um cuidado e mantimento do que foi impresso nas estruturas da escola.

O sentimento topofílico colocam alunos, professores e funcionários em um lugar de acolhimento e cuidado. A dificuldade de expressar esses sentimentos pelo lugar leva a elucidar a definição de “topofilia”.

A palavra "topofilia" é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *Lócus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN, 1974, p. 107)

As pessoas passam boa parte da sua vida em ambientes escolares. São nesses ambientes que marcam na memória momentos importantes. Cheiros, cores, sensações e lembranças levam à nostalgia quando se rememora um acontecimento do passado. O ambiente escolar está em muitas das lembranças da infância e juventude da população brasileira.

A topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como símbolo. (TUAN, 1974, p. 107)

A escola vai além da subjetividade do estudo e aprendizado dos conteúdos programáticos. A vivência escolar é tão importante quanto os demais fatores. Eventos que visam à participação ativa de todos os membros do corpo escolar são fundamentais para uma relação saudável entre esses agentes.

Os eventos podem ser feitos desde uma construção do espaço através da pintura, colagem ou mudança física da paisagem até recitação de poemas, concertos musicais e demais atividades artísticas. Esses elementos ficam guardados em nossa memória e em nossas percepções, criando e estruturando um sentimento de topofilia.

Tuan (1974, p.114) afirma que “ a familiaridade engendra afeição e desprezo”. Nesse sentido, a familiarização das pessoas com o ambiente escolar pode ser dada de

duas formas distintas. O agente escolar que significa um espaço com lembranças do passado que lhe cause afeto, irá ter um sentimento de carinho e cuidado com o lugar.

O agente escolar que significa um espaço com lembranças do passado que lhe cause desafeto, irá ter um sentimento de não pertencimento e querer exprimir o que está sentindo ali, como forma de ação naquele espaço para “marcar” sua presença e deixar explícito seu sentimento de desprezo.

A história é responsável por termos uma noção básica do que já se passou no ambiente. Para nos situarmos e nos percebermos integrante daquele espaço é necessário que tenhamos uma ideia do que já se passou por ali para que tenhamos um vislumbre do que podemos alcançar.

A história é responsável pelo amor à terra natal. Para o Tuan, as montanhas, riachos, fontes e poços não são apenas aspectos cênicos interessantes ou bonitos; são a obra de antepassados dos quais eles descendem. (TUAN, 1974, p. 115)

Pela experiência que é dada a construção do sentido para aquele lugar. Nesse sentido, Tuan diz:

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e maneira indireta de simbolização. (TUAN, 1983, p. 9)

A construção de símbolos tais como paredes pintadas, gravuras, bandeiras, desenhos e outra forma de expressão, dá à paisagem um sentido de lugar, preenchendo o espaço físico de significados e experiências.

Figura 09: Espaço escolar construído pelos alunos.

Alunos transformam escola com pinturas nos muros

Por: Francieli Corrêa
Visualizações: 600

2 comentários

Compartilhar 122

Tweetar



Desde o mês de maio, os alunos do 9º ano da escola estadual Joaquim Nabuco, no Centro de Xanxerê, estão empenhados no projeto de revitalização da escola, através da pintura dos muros. Ao todo, são mais de 60 alunos que participam desde a criação dos desenhos até a finalização, registrando-os nos muros da parte interna da escola. Até a semana que vem, essa primeira parte deve ficar pronta, mas a intenção da direção da escola é dar continuidade no próximo ano, com outros alunos.

Turmas do 9º ano da EEB Joaquim Nabuco transformam o espaço escolar através da pintura (Fotos: Francieli Corrêa/Tudo Sobre Xanxerê)

Fonte: http://tudosobrexanxere.com.br/index.php/desc_noticias/alunos_transformam_escola_com_pinturas_nos_muros, acessado em 04 de Fevereiro de 2019 às 14h23min .

A depredação ao ambiente escolar, o vandalismo na escola, é uma forma do agente escolar que não se sente pertencido a aquela realidade exprimir seu sentimento na estrutura física. Se não se sente acolhido na escola, não passou pelo processo de construção e nem foi contado para ele como aquela escola foi construída, a maneira de exprimir sua identidade é depredando paredes e objetos.

A escola que não cuida de seu patrimônio e que não tem um olhar de cuidado para a manutenção do ambiente escolar é mais propícia a obter resultados de vandalismo:

Uma investigação sobre o vandalismo na escola, realizada por Roazzi, Loureiro e Monteiro (1996), mostrou que a precariedade na escola pública e o fato de ela ser pública (na visão de que o público não é de ninguém) são fatores relacionados à depredação... Esses resultados concordam com os relatados por Medrado (1995), no que se refere às condições físicas e materiais da escola: ambientes e equipamentos mal cuidados e mal conservados estão mais sujeitos à depredação que os bem arrumados, limpos e bem cuidados. (RISTUM, 2001, p. 114)

Uma escola da cidade de Recanto das Emas, nos arredores de Brasília, sofreu o processo de depredação, nos dando o exemplo da depredação escolar:

Figura 10: Escola depredada em Recanto das Emas- DF.



Fonte: <http://www.jornaldebrasil.com.br/cidades/vandalismo-escola-do-recanto-das-emas-e-atacada-4-vezes-em-7-dias/> acessado em 04 de Fevereiro de 2019 às 14h56min.

2.3. Construção do espaço escolar, topofilia e sentimento de pertencimento na construção da identidade do aluno.

Vimos como o sentimento topofílico ajuda na preservação e cuidado do espaço escolar, gerando um sentimento de pertencimento de todos os agentes escolares. A construção conjunta do espaço escolar eleva o patamar de qualidade da estrutura, cria símbolos ligados ao sentimento afetivo humano e maiores possibilidades de aulas interativas com gincanas esportivas-cidadãs.

O pertencimento como sentimento preservador dos valores cidadãos e afetivo ajuda na construção da identidade coletiva e individual. Histórias são criadas, contadas

e recontadas nas paredes da escola, painéis, poesias e toda produção conjunta do corpo escolar (alunos, comunidade, pais, professores, funcionários de limpeza, etc.).

O sentimento de pertencimento envolve respeito, querer bem, cuidado. Quando estes sentimentos estão ligados ao próprio corpo, o ser se conhece melhor, realizando novas descobertas dele próprio, e passar a enxergar a importância do corpo para si e cuidá-lo da melhor forma possível. Seu corpo é seu templo, se não cuidares ele virá à ruína. Assim me descobrindo, estando bem comigo mesmo posso ser melhor em tudo o que fizer, inclusive na educação. (MORICONE, 2014, p. 23)

Depredações, vandalismo e topofobia, são reações práticas de ações contrárias ao da construção do espaço escolar integrado entre os agentes escolares. Uma escola construída para “dar errado”, com uma estrutura que aprisiona fisicamente os alunos, que se parece com verdadeiros presídios, com concreto por toda parte, grades, salas pequenas e quentes, professores mal preparados para a situação socioeducativa da realidade da escola.

Todas essas características levam ao não reconhecimento da identidade individual e coletiva de todos os agentes escolares, principalmente a do aluno, que imprime sua expressão de uma forma ou de outra, seja com depredação, pichação ou qualquer outra maneira que lhe convier, para mostrar que ele está ali, que faz parte daquela realidade.

Como dito antes. Se o aluno se sente pertencido, se sente bem, tende ao cuidado. Se se sente como um peso para a escola, que deveria estar em qualquer outro lugar, menos na escola, tende a depredar.

Moricone (2014) “Dessa forma, junto com os sentimentos de pertencimento e identidade devem ser construídos também um sentimento de respeito ao diferente e ao outro.” Em relação ao espaço e a outras identidade Moricone (2014) continua “Pois o respeito não deve ser somente em relação ao espaço que a pessoa está inserida, mas que desse sentimento surja também o respeito ao que está além dele, as outras identidades.”

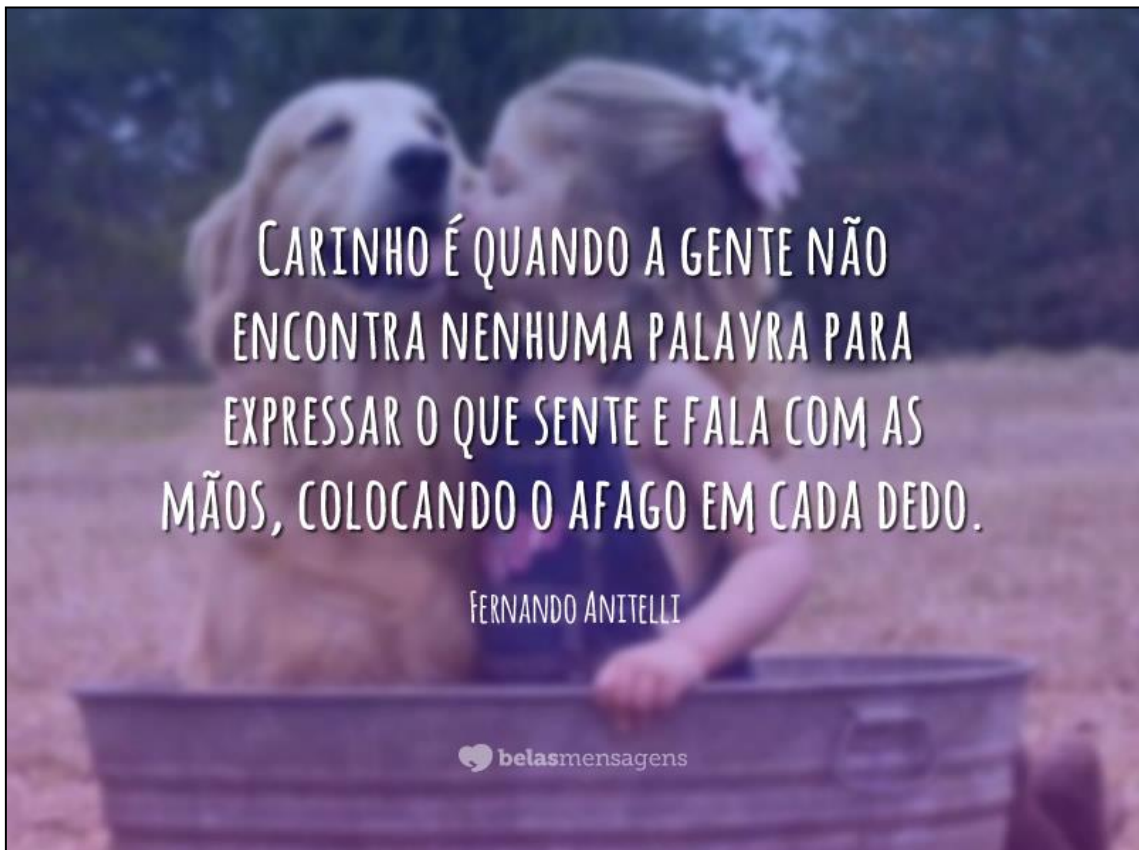
(...) a alteridade é a condição de possibilidade da pessoa humana. Somos o que somos porque o outro existe e sua existência nos afirma. A alteridade é esta fratura na existência humana, a ruptura com este mundo natural que se dá a partir da consciência do “outro”, da distinção e da separação que se estabelece a partir daí. (MAKIUCHI, 2005, p. 29.)

Essa construção do respeito ao outro e sua identidade, reflete no cuidado com o espaço e na melhora das relações no ambiente escolar. A topofilia, como conceito da geografia, está ligada a todas as relações de construção espacial, de identidade, dos símbolos, da relação entre os agentes escolares e o processo de aprendizagem.

Uma escola que teve no passado uma estrutura precária, com paredes pichadas, banheiros estragados, salas de aula com estrutura precária, janelas e persianas quebradas que passou por uma melhora gradativa em sua estrutura espacial de salas de aula, quadras poliesportivas, cantina, banheiro e etc., consegue nos mostrar na prática como esta relação entre topofilia/topofobia, cuidado/depredação e pertencimento/não pertencimento se dá.

Essa transformação pode se tornar possível a partir da mudança da diretoria escolar, coordenação e do corpo de professores. Colocando o foco na construção de uma identidade coletiva e individual do aluno na escola. Com ideias de produção do espaço em gincanas promovendo a reflexão “a escola que temos, a escola que queremos”, transformações são possíveis ao longo dos anos, tendo como consequência um resultado incrível de melhora no cuidado com a estrutura e aumento das possibilidades da escola em proporcionar um ensino de melhor qualidade.

É exatamente isso que iremos debater no último capítulo desta monografia sobre a escola onde fiz meu ensino médio e construí muitas memórias afetivas. Tendo como forma de agradecimento e reconstrução do sentimento topofílico a análise da mudança estrutural e educacional, durante o período entre 2013 a 2019, do Centro de Ensino Médio da Asa Norte- CEAN.



Fonte: <https://www.belasmensagens.com.br/carinho/carinho-e.html> acessado em 12 de Junho de 2019 às 16h16min.

Capítulo 3. Topofilia, pertencimento e cuidado, na prática.

Agora que temos a base completa para a análise, fui até o Centro de ensino médio da Asa Norte- CEAN fazer o estudo de caso e aplicar minha pesquisa que se baseou primeiramente na análise dos dados fornecidos pela escola onde procurei observar a mudança física da escola durante o período de 2013 até 2019.

A escolha da escola foi pessoal e de questão afetiva. O meu sentimento topofílico com o colégio me levou até lá para fazer o estágio supervisionado da minha conclusão do curso de geografia e me deu muito mais. Ao adentrar nos portões tive a certeza de que lá era o lugar certo para fazer este trabalho.

A mudança física da escola reflete no comportamento dos alunos e no cuidado com que todos têm em preservar a história e estrutura da escola. A valorização do espaço com atividades que levam a construção do espaço e manutenção dele. A rádio, o galinheiro, as quadras, o ginásio, entre outras partes da escola me trouxe um sentimento de orgulho da escola de ensino médio de onde saí, mesmo que na minha época, entre 2007 e 2009, não tivesse nada do que se orgulhar da estrutura.

Os dados da pesquisa foram retirados das conversas com a direção, com o corpo docente e com os alunos. Todos representando um corpo único da escola. Entrevistas semiestruturadas com os alunos mostraram como o sentimento de pertencimento está atrelado à construção do espaço e como isso é importante para a autonomia e para a identidade individual e coletiva.

Levando em consideração trabalho da direção atual que está desde o ano de 2013 trabalhando com medidas inovadoras para melhora da estrutura da escola, com ações artísticas, esportivas e ecológicas. Trazendo a reflexão para a comunidade escolar com a seguinte questão: “A escola que temos e a escola que queremos”.

Aos poucos, durante os anos a escola foi se tornando um centro de atividades que levam o aluno a construir uma relação de afetividade, cuidado, carinho com o lugar. Experiência que com certeza irão levar para o resto da vida.

3.1. Centro de Ensino Médio da Asa Norte- CEAN.

O Centro de Ensino Médio da Asa Norte foi inaugurado no dia 6 de Junho de 1981 com sua sede própria. Antes disso, enquanto seu prédio era construído dividiu seus alunos nos espaço do antigo CAN, atual colégio Paulo Freire, e na escola da 407 norte. Mais informações sobre a escola:

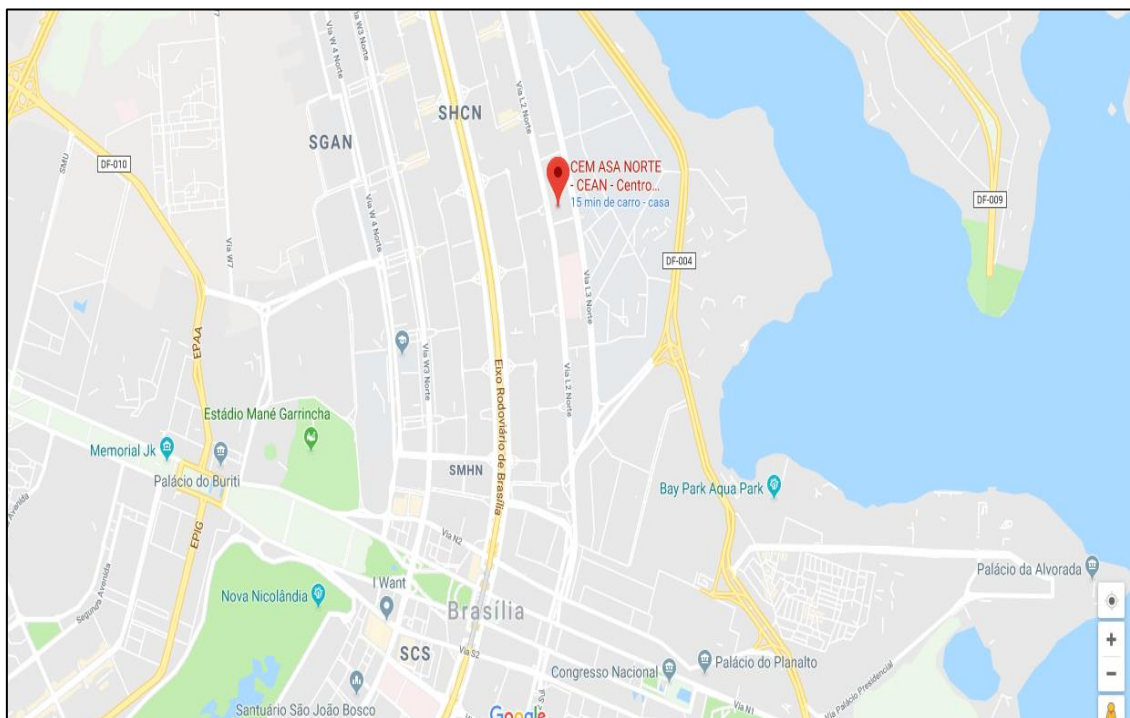
No ano de 1980, enquanto se construía o prédio, a escola dividiu espaço com o antigo CAN – Colégio da Asa Norte (atual Paulo Freire), onde funcionou o turno diurno, e com a Escola Classe 407 Norte, para atendimento do noturno. Finalmente, em 04 de Maio de 1981 a escola foi inaugurada em sua sede própria, ocasião em que passou a se chamar Centro Educacional da Asa Norte- CEAN. Em 1996, a escola deixa de oferecer o ensino fundamental, extingue os cursos profissionalizantes e implanta a Lei 8.044/82 com o ensino acadêmico. (<https://sites.google.com/site/oceanoverdedf/Home/ocean/historia-da-escola>, acessado em 17 de Junho de 2019 às 17h04min)

A escola passou por uma busca de manter a sua identidade quando no ano de 2000 houve uma mudança nas tipologias das escolas do Distrito Federal e ela passou a ser chamado de Centro de Ensino Médio da Asa Norte- CEMAN, tendo que mudar seu nome. No mesmo ano houve reivindicações para que se mantivesse o nome CEAN para que a identidade da escola fosse preservada:

Nesse contexto, o CEAN é nomeado, oficialmente, de Centro de Ensino Médio Asa Norte – CEMAN. Nesse ponto da história iniciou-se o movimento pela manutenção e respeito à sua identidade. A escola é e quer continuar sendo reconhecida como CEAN. Instaurou-se, então, o seguinte conflito: os parceiros e instituições externas à rede pública de ensino encaminham os documentos ao CEAN – Centro de Ensino Médio Asa Norte; os órgãos oficiais do Governo do Distrito Federal encaminham as documentações ao CEMAN; e a escola responde a todos como CEAN – Centro de Ensino Médio Asa Norte. Diz o ditado que “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, atualmente a maioria dos documentos do governo do Distrito Federal já registra CEAN, o seu nome próprio. (<https://sites.google.com/site/oceanoverdedf/Home/ocean/historia-da-escola>, acessado em 17 de Junho de 2019 às 17h04min)

Fica localizada na quadra 608 do bairro da Asa norte, Brasília-DF. Numa região ao lado da Universidade de Brasília- UNB, estando na margem da via L2 Norte que dá acesso à rodoviária do Plano Piloto.

Figura 11: Localização do Centro de Ensino Médio da Asa Norte-CEAN.

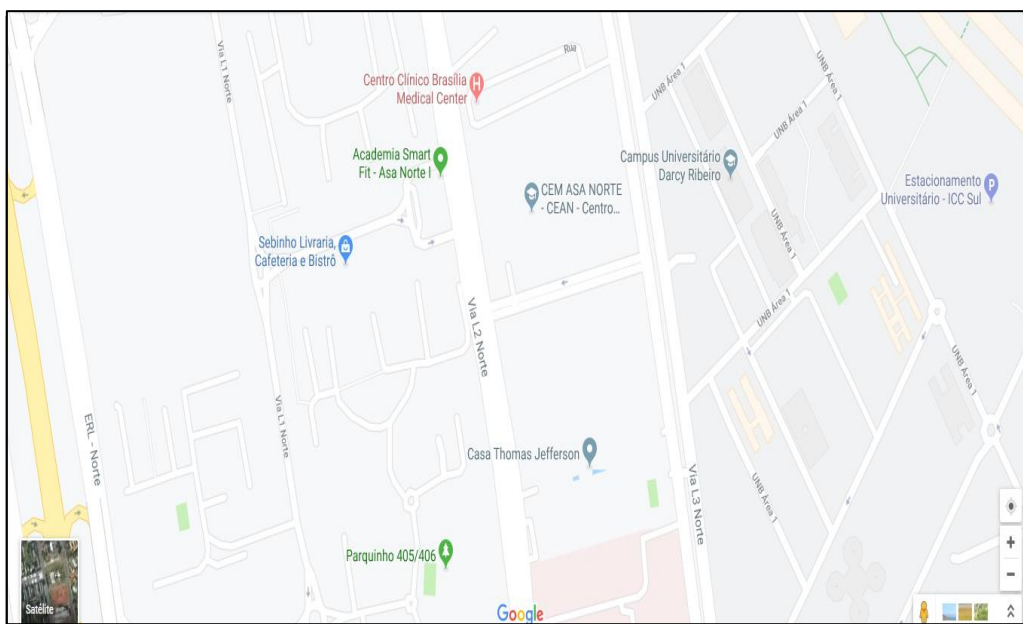


Fonte: Google maps, acessado em 17 de Junho de 2019 às 20h39min.

A escola tem fácil acesso, visto que está às margens da via L2 norte com paradas de ônibus próximas em ambos os sentidos da via, possibilitando a ida e chegada do aluno. Também está na proximidade do centro de línguas Casa Thomas Jefferson, mas que nenhum aluno do CEAN faz aula por lá, visto que é uma instituição para pessoas de alta renda. Os alunos têm a possibilidade de fazer aulas de línguas tanto na escola quanto no Centro de Línguas-CIL que é uma instituição pública.

Pela proximidade com o campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília-UNB, os alunos têm acesso facilitado às oficinas fornecidas pela universidade para discentes do ensino médio.

Figura 12: Localização do Centro de Ensino Médio da Asa Norte-CEAN.



Fonte: Google maps, acessado em 17 de Junho de 2019 às 20h45min.

Por ser uma escola que está situada na região central de Brasília-DF, com uma realidade de baixa violência, situação socioeconômica média/alta, os alunos vêm de diversas regiões do Distrito Federal, além das quadras mais próximas. A diversidade dos alunos é algo que contrasta, com jovens de diferentes “tribos”, cores, opções sexuais e pensamentos. Fazendo da escola uma mistura saldável de debate e construção democrática do espaço.

3.2. Estrutura física da escola.

O CEAN possui uma estrutura atual que possibilita aos alunos uma rotina de ensino e aprendizagem que a maioria das escolas do Distrito Federal não possui. Mas nem sempre foi assim, a escola tem um passado com um histórico de depredações e vandalismo, onde as janelas eram quebradas, a quadra não tinha nem pintura no chão e era feita de concreto (quando caía doía muito), as salas de aula quentes e muitas pichações por toda a escola. Como podemos constatar nessa foto do ano de 2007.

Figura 13: Persiana quebrada nos anos 90.



Fonte: Acervo do Centro de Ensino Médio da Asa Norte-CEAN.

As depredações eram visíveis em todas as partes da escola. Até o ano em que estudei as torneiras de beber água estavam quebradas e sem manutenção alguma. Ao estudar o acervo da escola, encontrei uma foto do ano de 2004 em que as torneiras já estavam quebradas. (Figura 14)

Em outra foto, encontrei algo que a primeira vista, não consegui identificar. Só após buscar na lembrança e confirmar com os funcionários da escola que me acompanhavam no estudo que consegui identificar que a foto se tratava de um bebedouro. (Figura 15)

Figura 14: Torneiras quebradas no ano de 2004.



Fonte: Acervo do Centro de Ensino Médio da Asa Norte-CEAN.

Figura 15: Bebedouro depredado em 2004.



Fonte: Acervo do Centro de Ensino Médio da Asa Norte-CEAN.

Havia dois bebedouros principais que ficavam na parte frontal da escola e que nem sempre estavam funcionando. Até o ano de 2010, meu último ano na escola, eram os únicos para beber água.

Figura 16: Bebedouro em 2004.



Fonte: Acervo do Centro de Ensino Médio da Asa Norte-CEAN.

A quadra poliesportiva era feita de concreto, sem nenhuma cobertura contra o sol ou chuva. As atividades aconteciam debaixo do sol e quando chegava à época de estiagem, algumas aulas eram feitas em sala de aula por causa do calor intenso. O mesmo acontecia quando estava no tempo de chuva, ou seja, para ter aula na quadra tinha que acontecer um conjunto de fatores favoráveis para o uso da quadra.

Figura 17. Quadra poliesportiva nos anos 90.



Fonte: Fonte: Acervo do Centro de Ensino Médio da Asa Norte-CEAN.

Havia pichações nos blocos de concreto da quadra. A foto a seguir é a única que encontrei para exemplificar essas pichações. Usei uma máscara para não identificar a aluna que se apresenta na foto por diversas causas e respeito. Lembro-me do dia desta foto, pois foi tirada em uma aula da minha turma. (Figura 18)

Os vestiários da escola existiam, mas não eram utilizados. Eram depredados e pichados, por vezes os alunos pulavam o muro do vestiário para conseguir tomar banho depois da aula de educação física porque as portas estavam sempre trancadas. (Figura 19)

Figura 18: Pichação da quadra em 2007.



Fonte: Fonte: Acervo do Centro de Ensino Médio da Asa Norte-CEAN.

Figura 19: Vestiário pichado em 2004.



Fonte: Fonte: Acervo do Centro de Ensino Médio da Asa Norte-CEAN.

A antiga estrutura da escola marcou a minha memória com lembranças topofílicas e topofóbicas. As topofílicas são parte das minhas experiências na liberdade de poder andar ao ar livre, poder sair da sala para tomar um café olhando a paisagem a céu aberto, trocar ideias e/ou tocar violão com meus amigos debaixo das árvores e tantas outras em relação ao convívio com os demais alunos.

As lembranças topofóbicas vêm das experiências de não aprendizado do conteúdo e certa desorientação do papel da escola em minha vida, professores que não conseguiam ter o domínio da sala (não fui um bom exemplo de bom aluno no ensino médio) e muito menos manter-me interessado em suas aulas.

A construção e manutenção do espaço não eram consideradas e que podemos constatar nas fotos exibidas até aqui. Era comum ter que tomar cuidado quando fôssemos lavar as mãos no banheiro, visto que algum aluno poderia ter urinado nos reservatórios de sabonete.

Outro aspecto a ser levado em conta é o da fuga dos alunos no meio do horário de aula. Conversei com a professora de História dos atuais 2° e 3° anos da escola, que está no CEAN há 12 anos. Ela constatou na conversa que “os alunos tinham comportamentos desrespeitosos e violentos, chegando a fugir da escola para assaltarem a padaria ao lado”.

Fato esse que me recordo, além de inúmeros outros como espancamento ao redor da escola, furto dos alunos do colégio particular mais próximo e constantes ameaças aos professores e alunos na época.

A estrutura física da escola é importante para a construção da identidade do aluno com a escola. A comparação entre a estrutura antiga e a atual é contrastante como fator determinante desta pesquisa. Mas a transformação não aconteceu da noite para o dia, sendo assim, observei junto à direção da escola, fotos das atividades realizadas no decorrer dos anos de 2013 a 2019.

3.3. O processo de revitalização física.

A restauração do espaço escolar junto a atividades com todo o corpo da escola veio com uma ideia da atual direção da escola, desde 2013 até 2019, que é a da “a escola que temos e a escola que queremos”. Projetos realizados com o intuito de retirar o aluno da sala com um propósito, com a junção do conteúdo e atividades externas, trouxeram aos poucos uma mudança estrutural física com a participação maciça dos alunos neste processo.

Um mapa da escola para a localização de todas as fotos que seguirão no decorrer deste tópico se faz necessário, visto que facilita a compreensão e norteamento de todos.

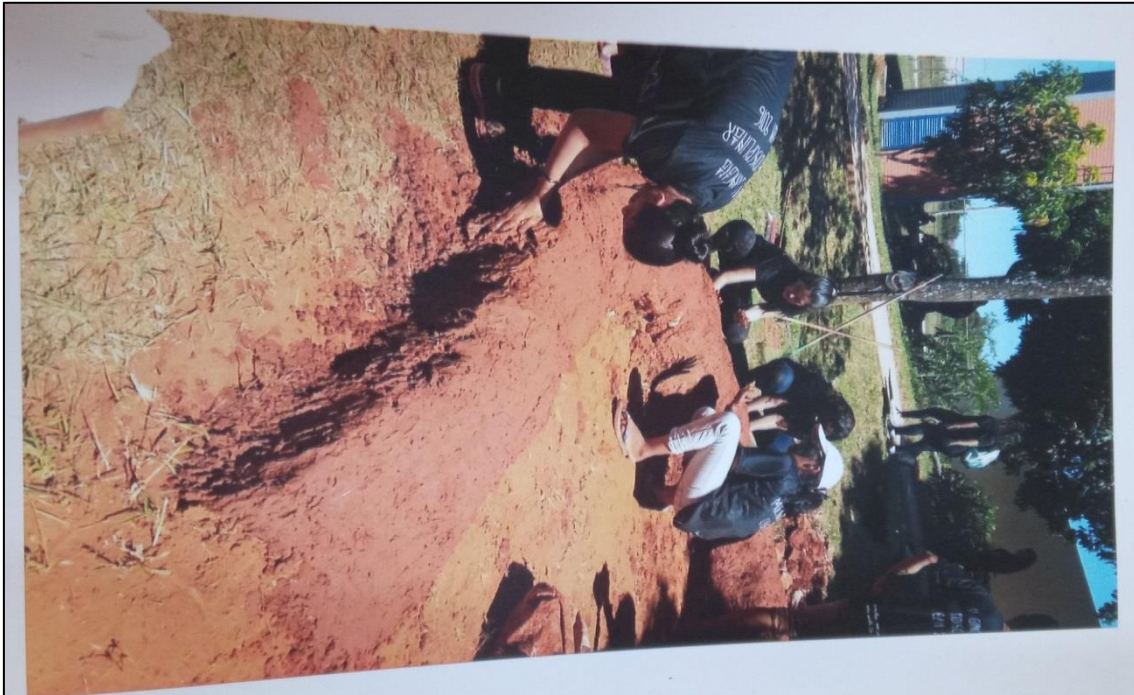
Figura 20: Mapa do CEAN.



Fonte: Google Earth, acessado em 24 de Junho de 2019 às 21h47min.

Os alunos construíram assentos de adobe para a melhoria do espaço escolar. Com supervisão dos professores e incentivo dos pais e responsáveis dos alunos.

Figura 21: Construção dos assentos de adobe em 2016.



Fonte: Fonte: Acervo do Centro de Ensino Médio da Asa Norte-CEAN.

A área verde da escola também passou por um processo de maior cuidado da parte dos alunos. Com a criação de hortas para o uso na cantina e para os alunos em geral.

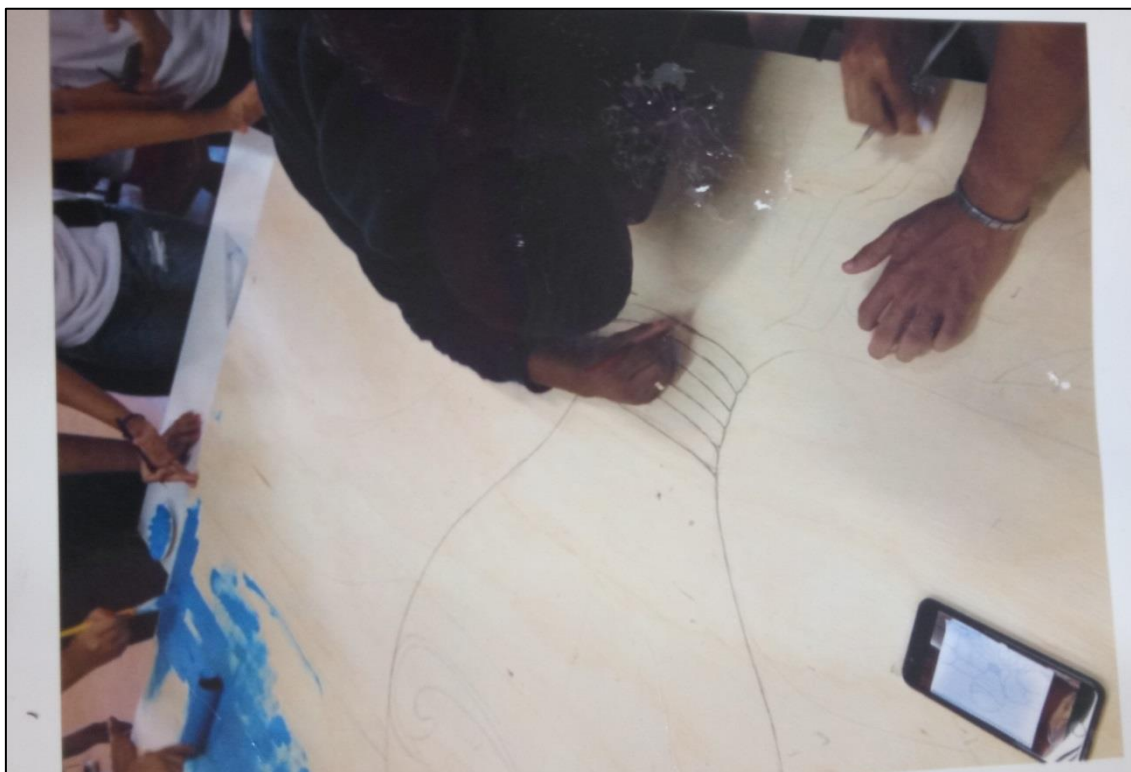
Figura 22: Horta.



Fonte: Fonte: Acervo do Centro de Ensino Médio da Asa Norte-CEAN.

A participação dos alunos na confecção de quadros, pinturas e símbolos contribuiu para que a escola renovasse sua paisagem e imprimisse a identidade do corpo discente nas paredes e corredores. Atividade incentivada pelos professores de artes, que usaram suas aulas para fornecer os materiais e auxílios necessários para o trabalho.

Figura 23: Confecção dos quadros.



Fonte: Fonte: Acervo do Centro de Ensino Médio da Asa Norte-CEAN.

O trabalho foi feito em etapas. Nessas fotos retiradas do acervo da escola, do ano de 2014, os alunos fizeram um trabalho elaborado para construir um quadro que receberia nota na gincana cultural e esportiva da escola, que tem seu início no 1º bimestre para que os alunos comecem o ano já construindo uma relação topofílica e de pertencimento com a escola.

De acordo com a professora de História dos 2º e 3º anos, os alunos chegam do ensino fundamental sem os pré-requisitos necessários para o desenvolvimento de conteúdos de diversas áreas, pontua que é um panorama geral o déficit de conteúdos que os alunos das escolas públicas do Distrito Federal possuem e que nos seus 13 anos de escola, a mudança na construção do espaço com a interação integral dos alunos foi e é importante para que a relação de identidade e pertencimento com a escola faça com que os alunos cuidem e não depre-dem o espaço escolar.

Como o acervo da escola é limitado e não possui todas as fotos dos alunos construindo e elaborando os cartazes e quadros, as fotos a seguir seguem da pesquisa feita no 1º semestre de 2019.

Figura 24: Quadros em 2019.



Fonte: Autor, 24 de Junho de 2019.

Figura 25: Quadros em 2019.



Fonte: Autor, 24 de Junho de 2019.

Figura 26: Quadros em 2019.



Fonte: Autor, 24 de Junho de 2019.

A área verde também passou por uma profunda transformação. Há uma área com plantio de diversas frutas e hortaliças. Há um galinheiro sob o cuidado dos alunos que além de ter o papel pedagógico de construção da responsabilidade também atua como controle de pestes, como o escorpião.

As frutas retiradas das árvores são usadas pela cantina para o auxílio na merenda escolar. As arvores também funcionam como um guarda-sol para atividades externas propostas pelos projetos pedagógicos da escola no horário curricular.

Figura 26: Área verde-plantio.



Fonte: Autor, 24 de Junho de 2019.

Figura 27: Área verde-plantio.



Fonte: Autor, 24 de Junho de 2019.

Figura 28: Área verde em uso para projetos.



Fonte: Autor, 24 de Junho de 2019.

Figura 29: Galinheiro.



Fonte: Autor, 24 de Junho de 2019.

Figura 30: Placa do galinheiro.



Fonte: Autor, 24 de Junho de 2019.

As quadras poliesportivas foram reformadas e reconstruídas durante o ano de 2013. Um ginásio foi feito e mais duas quadras descobertas para o uso dos alunos durante as aulas de educação física, nos intervalos e para as reuniões chamadas pela direção da escola.

Figura 31: Ginásio e quadra.



Fonte: Autor, 24 de Junho de 2019.

As estruturas do ginásio possibilitam aulas em todas as estações e em todas as condições de tempo. Sua cobertura protege quem está dentro e pode abrigar os alunos da escola em tempos de chuva. Uma outra quadra, usada para jogar vôlei e demais esportes foi reformada ao lado do ginásio, aumento o leque de possibilidades para as atividades físicas dos alunos.

Figura 32: Cobertura do ginásio.



Fonte: Autor, 24 de Junho de 2019.

Figura 33: Quadra de vôlei.



Fonte: Autor, 24 de Junho de 2019.

Em comparativo com a estrutura antiga da escola, os vestiários foram reformados e onde tinham torneiras quebradas e paredes pichadas, deram lugar para torneiras novas que funcionam, paredes limpas e sem pichações. Com o mais importante, o vestiário é usado por todos livremente, dada a autorização da coordenação e professor de educação física.

Figura 34: Vestiário reformado.



Fonte: Autor, 24 de Junho de 2019.

Como comparativo, as fotos a seguir mostram a parte lateral a norte. Onde com a estrutura antiga não havia nada além da parede. Hoje com a nova estrutura, há uma caixa d'água que capta água da chuva.

Figura 35: Parte lateral ao norte da escola.



Fonte: Acervo do Centro de Ensino Médio da Asa Norte- CEAN.

Figura 36. Caixa d'água para captação da água da chuva.



Fonte: O autor, em 24 de Junho de 2019.

Os corredores da escola ganharam armários para que os alunos guardem seus materiais. Cada aluno que optar por ter a vaga no armário carrega com si sua chave pessoal. Os armários estão espalhados por todo o bloco de salas de aula.

Figura 37: Armários.



Fonte: O autor, em 24 de Junho de 2019.

Figura 38: Armários.



Fonte: O autor, em 24 de Junho de 2019.

Figura 39: Armários e pátio.



Fonte: O autor, em 24 de Junho de 2019.

Nesta caracterização, fica evidente a transformação estrutural da escola ao longo dos anos e como ela passou a possibilitar melhor o processo de ensino e aprendizagem na escola. A construção do espaço liga ao sentimento de pertencimento, identidade e afeto. Mas segundo o professor de química que está na escola há 15 anos, o espaço físico transformado é secundário no processo de formação do aluno. Disse ele que “o fundamental são os professores serem qualificados e motivados para exercerem melhor sua função, serem mais valorizados.”

Uma mudança geral no comportamento dos alunos aconteceu durante os anos. A escola era alvo de muitas pichações. Os alunos constantemente fugiam pelas grades cortadas e em minha memória, lembro-me de muitos fumarem (mais do que cigarro) dentro da escola. Hoje seriam impensáveis estes acontecimentos se repetirem.

3.4. Construção de uma identidade, disciplina, pertencimento e respeito. Topofilia como prevenção da topofobia.

Na sociedade em geral, somos constantemente vigiados por câmeras em todos os lados. No supermercado, na padaria, na rua, na estrada, aonde formos temos câmeras e placas de “sorria, você está sendo filmado”.

O CEAN conseguiu, no ano de 2013, colocar câmeras de segurança por toda a escola. A central de comando fica na sala da diretoria e nada passa despercebido. Conversando com a diretora, ela me disse que é constante os acontecimentos em que as câmeras são acionadas e suas filmagens revistas. Certa vez, um aluno apagou a chave de energia da escola e as câmeras o captaram no flagra.

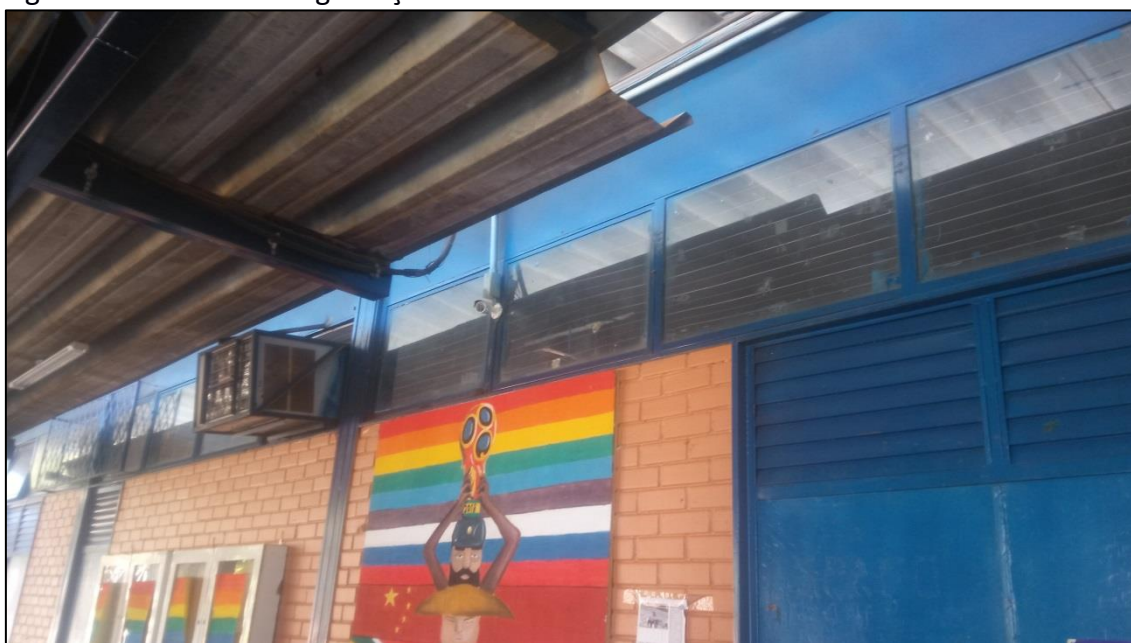
Elas estão por todas as partes. O professor de química dos 2° e 3° anos, há 15 anos na escola, enfatizou que esse era o fator central para a diminuição das depredações da escola, fuga e demais problemas. A professora de história da escola discorda deste relato e acredita que a melhora foi significativa no comportamento dos alunos não devido apenas as câmeras que segundo ela “a gente esquece que elas existem”, mas de uma conscientização que a escola trás em seus projetos de gincana e feira cultural.

Figura 40: Câmera de segurança.



Fonte: O autor, em 24 de Junho de 2019.

Figura 41: Câmera de segurança.



Fonte: O autor, em 24 de Junho de 2019.

Além de contar com as câmeras, o colégio conta com um sistema de controle de entrada e saída de alunos. Com um cartão individual, os alunos o passam assim que chegam num dispositivo dentro da escola e uma mensagem instantânea é enviada para os seus pais pelo aplicativo da escola, para os pais acompanharem a hora que seus filhos chegam e saem da escola.

Figura 42: Dispositivo de controle de chegada e saída.



Fonte: O autor, em 24 de Junho de 2019.

Não se constata pichações e nem depredações em nenhum lugar da escola. Todos estão sujeitos à punição da escola se o fizerem, eles têm que pagar o dano causado.

Em um questionário aplicado em uma turma de 2° e 3° respectivamente, fiz perguntas em relação a vontade dos alunos irem para a escola, se sentem pertencido, se querem mudar de escola, se cuidam, etc. Foram 15 alunos voluntários do 2° ano e 15 alunos voluntários do 3° ano, totalizando 30 alunos.

Figura 43: Tabela 2° ano.

	Baixo	Médio	Alto	
1-primeiro ano na escola				
2-Vontade de ir para a escola		4	8	2
3- identificação com a escola		7	8	
4- Participação das atividades sociais		5	7	3
5- Se sente seguro fisicamente		3	6	5
6- elo afetivo entre a escola e o aluno		6	6	3
7- elo afetivo entre a o corpo docente e o aluno		4	8	2
8- elo afetivo entre o aluno e os demais colegas		4	9	2
9- trocariam o CEAN	Não: 4	Sim: 11		
10- Nível de estrutura física			7	8
11- Se a estrutura física influencia na qualidade do ensino	Não: 1	Sim: 14		
12- nível de pertencimento à escola		5	8	2
13- Se acha a escola depredada	Não: 14	Sim: 1		
14- Em que nível o aluno cuida da escola		2	7	6

Figura 44: Tabela 3º ano.

	Baixo	Médio	Alto
1-primeiro ano na escola			
2-Vontade de ir para a escola	5	10	0
3- identificação com a escola	3	9	3
4- Participação das atividades sociais	2	7	6
5- Se sente seguro fisicamente		7	8
6- elo afetivo entre a escola e o aluno	2	5	7
7- elo afetivo entre a o corpo docente e o aluno	6	5	4
8- elo afetivo entre o aluno e os demais colegas	1	5	9
9- trocariam o CEAN	Não: 8	Sim: 7	
10- Nível de estrutura física	1	9	5
11- Se a estrutura física influencia na qualidade do ensino	Não: 15	Sim: 0	
12- nível de pertencimento à escola	2	6	7
13- Se acha a escola depredada	Não: 15	Sim: 0	
14- Em que nível o aluno cuida da escola	2	3	10

Todos os alunos responderam que estavam na escola a mais de um ano. Os alunos do 2º ano, em sua maioria disseram que se sentiam pertencidos à escola e que possuem elos afetivos entre os diversos agentes escolares apontados no questionário. A maioria dos alunos, se pudessem, trocaria de escola. E todos acham que a estrutura da escola é média ou alta.

Na turma do 3º ano, a maioria respondeu ter vontade média de ir para a escola e a maioria se identifica com a escola. A maioria se sente pertencida à escola e junto a isso, a maioria cuida da escola.

A maioria absoluta dos alunos concorda que a estrutura influencia na qualidade do ensino e não acham a escola depredada. A turma do 3º ano teve maioria em não querer mudar de escola.

Essa consulta aos alunos, leva em consideração a questão atual da escola. Nenhum aluno foi coagido e não obtiveram contato com esta pesquisa que possui as fotos da antiga estrutura da escola e compara com a atual estrutura. Os professores e a direção concordam em unanimidade que a mudança do espaço escolar transformou a relação do aluno com o aprendizado e cuidado com o espaço escolar.

Pedi para que os alunos fizessem uma frase que definisse o CEAN para eles. Em sua maioria, exaltaram a diversidade e a liberdade de expressão. Alguns escreveram que a escola “é doutrinadora sem argumentos”. Há divergência entre os alunos na questão da escola que querem. Uns estão mais satisfeitos e outros não. Exaltando que

os pontos divergentes podem conviver no mesmo espaço, já que os alunos são engajados nas diversas causas, como a do movimento LGBT, com cartazes espalhados por toda a escola.

Figura 45: Cartaz LGBT.



Fonte: O autor, 24 de Junho de 2019.

Com mensagens de desconstrução, levam ao dia-dia da escola a reflexão sobre o amor. Este cartaz fica na entrada da escola e exalta a experiência libertária do viver com afeto o espaço escolar. Os alunos atuam e percebem o espaço, desenvolvendo a inteligência humana.

A escola é lugar de aprender e somos seres curiosos e inteligentes que percebem o espaço e atuam sobre o mesmo, o conhecimento humano se desenvolve lentamente e vários são os estímulos para que aconteça; para Piaget a construção do conhecimento acontece entre a interação do sujeito e o objeto, assim desconsiderar o espaço escolar e a TOPOFILIA da escola é desconsiderar a construção do conhecimento. (MENDES, 2010, P, 7)

Cartazes com frases como “faça a sua desconstrução” estão espalhados pela escola com cores fortes que chamam a atenção:

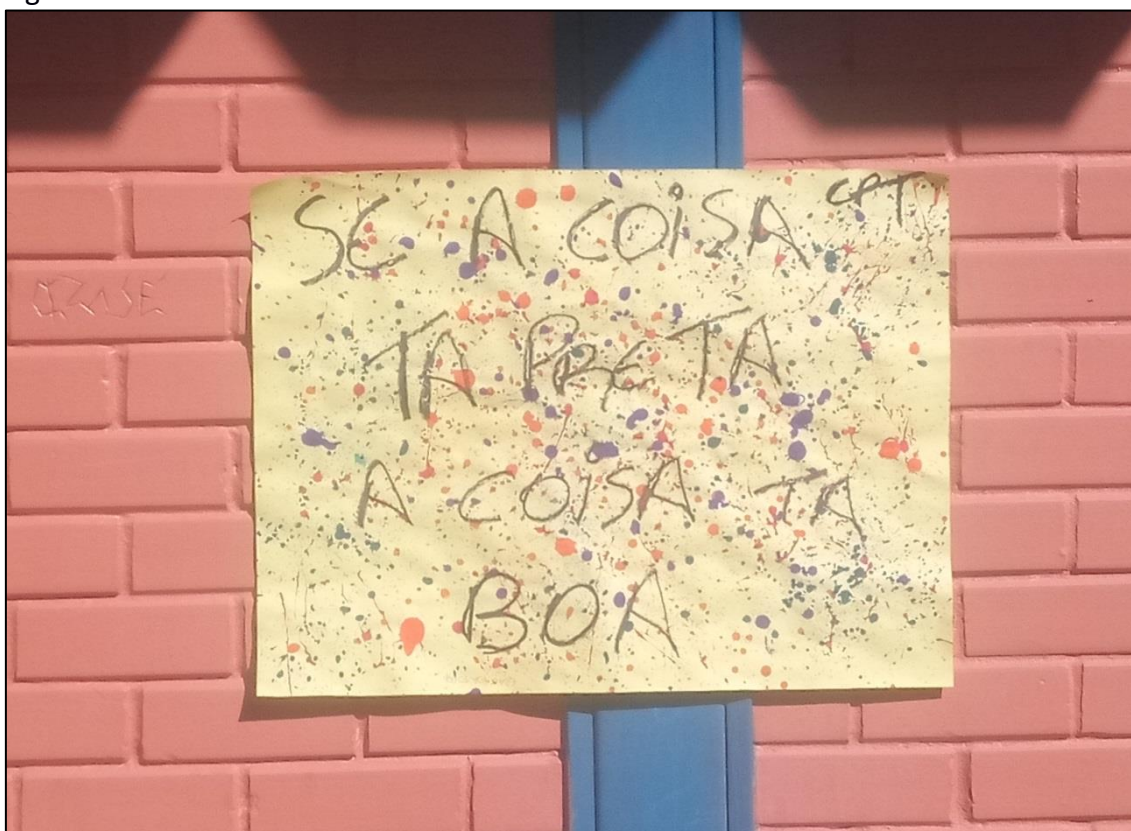
Figura 46: Cartaz.



Fonte: O autor, 24 de Junho de 2019.

Outro cartaz na escola vinha com a frase “se a coisa tá preta, a coisa tá boa”, em referência a causa da igualdade racial e combate ao racismo.

Figura 47: Cartaz.



Fonte: O autor, 24 de Junho de 2019.

A liberdade de expressão é algo que marca a escola. Ao longo do ano, os alunos organizam diversos eventos culturais onde fazem apresentações de dança, música e demais manifestações artísticas. Toda essa atividade nos mostra a abertura e interação de todo o corpo escolar na formação da autonomia do aluno.

A identidade da escola mostra-se entrelaçada com a identidade dos alunos. O respeito com o outro é visto na realidade. A situação atual é de um debate mais amplo sobre o que está acontecendo de fato na sociedade. Como a professora de história disse em nossa conversa: “a escola antigamente era assombrosa e um desrespeito total. Os alunos tentavam até matar as corujas do projeto de pesquisa do professor de biologia. Atualmente têm até um galinheiro, as coisas mudaram mesmo.”

As evidências comparativas mostram que a transformação do espaço escolar foi de suma importância para o amadurecimento das ideias de identidade e pertencimento no Centro de Ensino Médio da Asa Norte. A mudança da estrutura antiga, depredada e pichada, que vinha com a falta da consciência de cuidado dos alunos e professores, passou por um processo de médio e longo prazo de conscientização, integração e zelo pelo ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A mudança contrastante feita ao longo dos anos de 2013 até 2019 no Centro de Ensino Médio da Asa Norte-CEAN é evidente. Tornando a escola em um ambiente que possibilita o ensino e aprendizagem ligados ao sentimento de pertencimento com o lugar e a paisagem. Símbolos, desenhos, cartazes, quadros construídos pelos alunos junto à supervisão do corpo docente é a verificação da ação de integração dos agentes escolares em prol de uma escola diversa, cultural e livre.

O sentimento topofílico dos alunos está impresso nas paredes, no chão e demais espaços construídos por eles. A topofobia sintomática que pode levar ao aluno a agravar a situação física da escola com pichações e depredações não é mais vista com frequência. Quando tal situação ocorre, logo se acha o ator e se toma a providência cabível.

A construção integrada do espaço, dando valor ao trabalho do aluno, a identidade impressa nos espaços físicos da escola faz parte do desenvolvimento do sentimento de pertencimento pelo ambiente e escola. Uma alternativa para a diminuição das depredações na escola pode ser dada pela interação do aluno com o meio. O elo com a escola mostra-se uma alternativa qualitativa para a contenção do sentimento de topofobia.

O estudo de caso no CEAN, fez parte do resultado de um estudo sobre o sentimento de pertencimento e topofilia em geral. Levando esse tema, que ainda possui uma literatura pequena em relação à outras áreas da geografia, para o ambiente escolar pude observar que a dinâmica diária da produção do espaço é constante. O trabalho não para.

Para um resultado favorável em relação à diminuição da depredação e o aumento do cuidado com o ambiente escolar fez-se necessário, ano após ano, construir meios para que os novos alunos possam desenvolver e aos que já estão na escola de permanecer com a percepção de pertencimento ao colégio.

Levando em conta a história e as pessoas que passaram pela escola, o trabalho foi sendo construído ao longo dos anos, dando uma nova visão de paisagem para o ambiente escolar, não tirando a importância do passado e de todos que lutaram para que fossem feitas as escolhas corretas para o coletivo da escola e da comunidade. Como modelo, o CEAN pode ser um símbolo de esperança para as escolas do Distrito Federal.

REFERÊNCIAS

ALVES, DINIZ, MESQUITA, RIBEIRO. CEILÂNDIA NOS TRILHOS DA SEGREGAÇÃO: AS CONSEQUÊNCIAS SOCIOESPACIAIS GERADAS A PARTIR DA APROPRIAÇÃO DO METRÔ PELO CAPITAL IMOBILIÁRIO. Universidade de Brasília- UNB. 2018.

BESSE, Jean-Marc. Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006. Trad. Vladimir Bartalini.

CHATELIN, Yvon (1986): "Avant-propos." In: BLANC-PAMARD et alii (eds.). Milieux et Paysages: essai sur diverses modalités de connaissance. Paris, Masson, p. 1- 3 .

GARCIA. Romay. Agenda Social. v.2 , n.1, jan-abr / 2008, p.17-31. Fim de linha ou luz no fim do túnel?

COELHO, Gustavo. Entrevista concedida a Saulo Pereira Guimarães pelo veículo de imprensa "Vozerio- Mais vozes, mais Rio". "Será que a pichação é apenas uma atitude irresponsável?", 2016.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. Trad. Olívia Barros Lima e Silva.

FICHER, Sylvia. Entrevista com Sylvia Ficher. Revista Risco. Abril de 2010.

GOUVÊA, Luiz Alberto de Campo. Brasília: a capital da segregação e do controle social. Uma avaliação da ação governamental na área de habitação São Paulo: annablime 1995.

LEFEBVRE, H. (2013). Prefácio: a produção do espaço. *Estudos Avançados*, 27(79), 123-132. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000300009>

MORICONI, Lucimara. Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação / UNICAMP. PERTENCIMENTO E IDENTIDADE. Campinas, 2014.

MAKIUCHI, Maria de F. Rodrigues. Alteridade. In ENCONTROS e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Coautoria de Luiz Antonio Ferraro Junior. Brasília, DF: Ministerio do Meio Ambiente, 2005, p. 27 – 35.

MENDES, Taís Maria. “TOPOFILIA” O ELO AFETIVO NA ESCOLA E A RELAÇÃO COM O ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA- IDEB. 2010. Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR).

OLANDA, D.A.M. & ALMEIDA, M.G. A geografia e a literatura: uma reflexão. Geosul, Florianópolis, v. 23, n. 46, p 7-32, jul./dez. 2008

RISTUM, Marilene. O conceito de violência de professoras do ensino fundamental. Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia. 2001.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.

T. SOUZA, Mayra. Escola enquanto paisagem e lugar. Marcas do pertencimento. Monografia apresentada no curso de geografia da Universidade Federal de Viçosa, 2016.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983. 250p.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. tradução: DIFEL I Difusão Editorial S. A, 1974. 150p.